

Guilherme do Val Toledo Prado  
Heloísa Helena Dias Martins Proença  
Renata Barroso Siqueira Frauendorf  
Eliana Rodriguez Moreno (Orgs.)

# Tecendo Trilhas

Leitura, Escrita e o Direito à Educação

AS, 27 DE JUNHO  
MIRELA COSTA ANDRADE

OLÁ G1, MEU NOME É SOPHIA MIRELA  
ESCOLA CONSUELO DE CAMPINAS  
DO G1, SOBRE O MENINO QUE  
FAZER O DE DEVER DE CASA.  
LEGAU DA PATÉ DO POLICA  
EU PEDIR A JUDA A OS M  
VITO ENGRAÇADO DA AT  
ABRASO  
MIRELA COSTA

RAFAEL

TEMA UGO  
PALHAS  
FESTAS  
ANIM

**Tecendo Trilhas:**  
**Leitura, Escrita e o Direito à Educação**



**Guilherme do Val Toledo Prado**  
**Heloísa Helena Dias Martins Proença**  
**Renata Barroso Siqueira Frauendorf**  
**Eliana Rodriguez Moreno**  
(Organizadores)

**Tecendo Trilhas:**  
**Leitura, Escrita e o Direito à Educação**

  
**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Guilherme do Val Toledo Prado; Heloísa Helena Dias Martins Proença;  
Renata Barroso Siqueira Frauendorf; Eliana Rodriguez Moreno [Orgs.]**

**Tecendo Trilhas: Leitura, Escrita e o Direito à Educação.** São Carlos:  
Pedro & João Editores, 2024. 183p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-265-1495-5 [Digital]**

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Direito à educação. 4. Narrativas Pedagógicas. 5. Alfabetização. I. Título.

---

CDD – 370

**Capa:** Marcos Della Porta

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajéu – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajéu (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2024

## SUMÁRIO

<b>Prefácio</b>	<b>13</b>
<b>Apresentação</b>	<b>17</b>
<b>“Alfabetização como direito da criança e do adolescente: narrativas e experiências do curso de formação”</b>	
Renata B. Siqueira Frauendorf	
Heloísa Helena Dias Martins Proença	
Guilherme do Val Toledo Prado	
<b>Capítulo 1</b>	<b>25</b>
<b>GRUPAD construindo uma trilha para unir os saberes da Universidade e da Escola</b>	
Ana Cristina Gazotto Batista	
Ana Luiza Tayar Lima	
Fernanda Camargo Dalmatti A. L. Ferrasin	
Maria Teresa Cruz de Moraes	
<b>Capítulo 2</b>	<b>37</b>
<b>A produção das narrativas e reflexões/compreensões a partir do conjunto de narrativas</b>	
Ariana Coelho Rocha	
Eliana Rodriguez Moreno	
Janete Rodrigues Cardone	
Susana Felix Paes Corrêa Leite	

<b>Capítulo 3</b>	<b>51</b>
<b>Narrativas formadoras no contexto do curso de “Alfabetização como direito da criança e do adolescente”</b>	
Maria Natalina de Oliveira Farias	
Renata Del Monaco	
Rosimeire dos Santos Souto	
<b>Coleção de narrativas</b>	
<b>Sobre colecionar narrativas</b>	<b>63</b>
Heloísa Helena Dias Martins Proença	
Renata B. Siqueira Frauendorf	
Guilherme do Val Toledo Prado	
<b>Trilha de Leitura</b>	<b>66</b>
<b>Minha vivência com a leitura</b>	<b>66</b>
Angela Raquel	
<b>De geração a geração: Memórias afetivas de leitura</b>	<b>68</b>
Angélica Pereira dos Santos Ancona	
<b>Lembranças de leituras afetivas</b>	<b>73</b>
Bruna Maria De Mendonça	
<b>Caminho sem volta</b>	<b>75</b>
Ariane Andrade dos Santos	

<b>O relato de uma professora novata em sua vivência com a alfabetização</b>	77
Caroline Vigarani Rodrigues Drumond	
<b>No momento da espera...nasce uma leitora</b>	81
Daniele Eloise Silveira Kobayashi	
<b>Caixinha da memória</b>	86
Elaine Cristina Bigaran	
<b>Minhas memórias</b>	87
Isabella Cristina Maia Martinez	
Jacqueline Morais	89
<b>Leitor Reluzente</b>	90
Jussara Aparecida Teixeira de Mello	
<b>Uma trilha de leituras...</b>	92
Juliana de Paiva Rufino	
<b>Uma Jornada Mágica de Aprendizado e Amizade</b>	96
Kelly Viviane dos Santos Missio	
Leny Keico Horikwa	98
Lucimar Une Angelucci	99
Maira Garbo de Oliveira	100

<b>Cheiro de livro</b>	<b>102</b>
Márcia Cristina Sesso Ramalho	
Maria Eduarda Dos Santos Ferreira	<b>104</b>
<b>Vai e Volta: Vida leitora</b>	<b>105</b>
Marcilene Trovó	
<b>A leitura na minha vida</b>	<b>107</b>
Marleide Aparecida Caiado	
<b>Caixinha de memória do coração!</b>	<b>109</b>
Patrícia André Scarpato	
Nathália Caroline Pariz Machado	<b>110</b>
Regiane Aparecida de Queiroz Parra	<b>111</b>
<b>A leitura do livro “A bolsa amarela”</b>	<b>112</b>
Patrícia Fernanda de Oliveira	
<b>Trajatória Leitora</b>	<b>113</b>
Rodrigo Souza da Silva	
<b>Meu percurso leitor</b>	<b>115</b>
Rosangela Maria Rovigati Simões de Campos	
<b>Uma proposta de situação de leitura pelo aluno na alfabetização inicial</b>	<b>117</b>
Rita De Cassia Palma Pires	
Roseli da Silva Herrero	<b>119</b>

<b>Lembranças da minha alfabetização</b> Severinna Gomes	120
<b>Hora da história</b> Silmara Dal Molin	121
Tatiana Aline Ribeiro	123
<b>Minha família e a nossa trajetória de leitura</b> Simone Vedixosqui	124
<b>História Do Pinóquio</b> Viviane Paula Martins	126
<b>Fome</b> Tatiane Gonçalves Rodrigues	127
<b>Trilha de Escrita</b>	128
<b>O processo de escrita sempre será sobre nós mesmos</b> Ana Carolina Borolotti	128
Cintia Regina de Camargo Basseto	130
Eliana Rodrigues Perdigoto	131
<b>Memória</b> Joaquina Gomes	132
<b>Memórias de alfabetização</b> Angélica Lima	135

<b>Memórias de alfabetização: Infância</b>	<b>136</b>
Tárcia Costa	
Thalita Jordão	138
<b>Trilhando o Alfabeto: Uma Jornada de Aprendizado e Inspiração</b>	<b>143</b>
Ilaida Regina Araújo Dorigom	
<b>Minha trajetória e aventura na escrita</b>	<b>145</b>
Mirian Nascimento	
Nelcir Silva Batista	147
Mariana Pereira Ribeiro	149
Grasiela Cristina Solera Damasena	151
<b>Memórias de Escrita</b>	<b>153</b>
Luciana Carla da Costa Flauzino	
Patricia Reis Gomes	155
<b>Boas recordações</b>	<b>156</b>
Ana Maria Pereira Alves	
Vânia Lúcia Da Silva Marinho	157
<b>Experiências docentes</b>	<b>158</b>
<b>Minha caixinha de Memórias</b>	<b>158</b>
Adriana Aparecida Vieira da Silva	

<b>Impacto do projeto Atitude Educação para professores e alunos</b> Francislene de Fátima Naves	160
<b>Mala Literária</b> Camila Oliveira	163
Helen Moretti Alves	165
Ketlyn Gislaine Silva	167
Leandro Ferreira de Jesus Barros	168
<b>Escrever como forma de viver</b> Lucimara Ap. Pierin Alves	170
<b>Memórias</b> Mayara de Oliveira	172
<b>Viagem para a infância</b> <b>Livros: história e nostalgia</b> Renata Aparecida de Oliveira	173
<b>Leituras</b> Rosa Furlan	175
<b>Leitura que transforma</b> Tânia Cavalcante	177
<b>Leitura: um rico tesouro escondido entre páginas</b> Tânia Cristina Mafra Custódio	179

<b>Qual será o próximo?</b>	<b>180</b>
Fabiana Carvalho	
<b>O trabalho com a leitura</b>	<b>182</b>
Gisele Regina Galinaro	

## Prefácio

Nosso Ebook é resultado das reflexões tecidas a muitas mãos, sensibilidades, olhares, vozes, por isso nosso, durante o curso “Alfabetização como direito da criança e do adolescente”. Esse curso teve como principal objetivo fortalecer e possibilitar o diálogo da alfabetização com as culturas das infâncias e de jovens, articulado com temas que abordam práticas sociais de leitura, escrita e comunicação oral, visando fortalecer e enriquecer o processo de aprendizagem de todos os envolvidos: professoras, coordenadoras pedagógicas e formadoras.

A formação, oferecida pela Extecamp – Unicamp no ano de 2024, foi promovida pelo Grupo Alfabetização em Diálogo – GRUPAD – em parceria com Movimento Educação Sempre, um projeto coletivo liderado pelas seguintes instituições: Fundação FEAC, Fundação Educar DPaschoal, Secretaria Municipal de Educação de Campinas e Diretorias de Ensino Leste e Oeste de Campinas da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Esse projeto visa contribuir com a educação pública de Campinas, reconhecendo-a como um projeto de política pública e teve como público alvo professores/as e professores/as coordenadores/as dos 3ºs e 6ºs anos das escolas públicas estaduais de Campinas. O principal objetivo da formação foi o de contribuir para o processo de aprendizagem de leitura e escrita, em uma

perspectiva discursiva, de todos os participantes (estudantes, professores(as), PC<sup>1</sup> e formadoras).

Os encontros formativos virtuais, mensais, realizados com as/os professoras/es, permitiram articular a teoria e a prática por meio da análise de situações desenvolvidas em sala de aula e proporcionaram um espaço de escuta, acolhimento e tecitura de narrativas que despertaram novos olhares, destacaram as experiências vividas e fortaleceram aprendizagens.

A parceria Movimento Educação Sempre com o GRUPAD reforçou a importância da relação entre a universidade pública e a formação de educadoras e educadores da Educação Básica em serviço, enfatizando a aprendizagem colaborativa. Para além das questões didáticas, os encontros formativos também tiveram como foco o cuidado com as relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos e com a garantia de escuta e espaço para reflexões sobre as práticas docentes relacionadas ao processo de alfabetização que emergiam das professoras tanto nos momentos síncronos de encontro como nos assíncronos a partir das leituras e registros.

A escrita de narrativas que percorreu lado a lado os encontros não apenas possibilitou a sistematização das aprendizagens das participantes, mas também promoveu a partilha de novos conhecimentos, a experiência da professora como autora de sua prática e de sua escrita. Isso revelou a importância do processo formativo também para sensibilizar e estimular novos olhares, experiências e construções em parceria e, com isso,

---

<sup>1</sup> PC – Professora-coordenadora

promover deslocamentos que contribuíssem com o repensar da prática docente.

Conseqüentemente, surgiram novas narrativas que se entrelaçaram com o percurso formativo, exigindo uma constante (re)significação produzindo sentidos outros para as histórias docentes partilhadas. Esse movimento singular e plural é também revelador da dinâmica transformadora que pode ter um processo de formação.

O ebook é um convite para professoras, gestoras e diferentes profissionais da educação conhecerem as experiências e narrativas marcantes que foram sendo produzidas na relação formativa não indiferente ao outro, bem como o envolvimento das participantes do curso com suas vivências, experiências e práticas desenvolvidas na sala de aula. Ele é um chamado a ler, reler, visitar e reavaliar as práticas pedagógicas relacionadas ao processo de alfabetização de crianças e jovens. Além disso, se configura num incentivo a novas escritas e à tessitura de narrativas outras, ampliando o diálogo e o conjunto de vivências no ambiente educativo.



## Apresentação

### **“Alfabetização como direito da criança e do adolescente: narrativas e experiências do curso de formação”**

Renata B. Siqueira Frauendorf<sup>2</sup>

Heloísa Helena Dias Martins Proença<sup>3</sup>

Guilherme do Val Toledo Prado<sup>4</sup>

Alguém aqui já foi convidado para entrar num grupo de WhatsApp chamado “Proposta indecente”? A história que vamos contar para vocês começou assim, visto que o prazo de construção da proposta era urgente e demandaria muito trabalho.

---

<sup>2</sup> Pesquisadora-Colaboradora GEPEC – FE – Unicamp; Doutora em Educação FE/Unicamp – Coordenadora GRUPAD; Coordenadora de Projetos Instituto Avisa Lá – SP; Membro Diretoria Rede Latina Americana de Alfabetização. E-mail: renatasiqfrau@gmail.com

<sup>3</sup> Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Doutoranda em Educação FE/Unicamp, Coordenadora do GRUPAD/GEPEC/Unicamp, Pesquisadora na Cidade Escola Aprendiz. E-mail: heloisamartinsproenca@gmail.com

<sup>4</sup> Doutor em Linguística Aplicada na Área de Ensino de Língua Materna e Mestre em Metodologia de Ensino, ambos obtidos na Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Professor Titular na Área de Educação Escolar do Departamento de Ensino e Práticas Culturais e Diretor Associado da Faculdade de Educação da Unicamp (Gestão 2024/2028). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada - GEPEC. E-mail: toledo@unicamp.br

Esse foi o convite feito para um grupo de formadoras atuarem com professores, professoras e coordenadoras de 3<sup>os</sup> e 6<sup>os</sup> anos da Rede Estadual de São Paulo das diretorias de Campinas Oeste e Campinas Leste – integrantes do Movimento Educação Sempre – GT de Alfabetização.

A proposta da formação era trabalhar com a alfabetização na perspectiva de um direito da criança e do adolescente em decorrência dos números alarmantes, no estado de SP, de estudantes que ainda não leem e não escrevem no 3<sup>o</sup> ano e, mais sério ainda, no 6<sup>o</sup> ano durante o ano de 2023.

E, então, a cara leitora deve estar se perguntando: por que procuraram o GRUPAD? Eis que precisamos contar uma outra história que se interconecta com essa.

Em 2009 a Renata foi formadora do Programa Ler e Escrever nas Diretorias Estaduais de Campinas. Na época, ela atuava com professoras coordenadoras e gestores, e seguiram juntos nesse programa até 2015. Uma longa trajetória de encontros em que muitos laços de amizade, partilha, vida-formação foram tecidos. Nesse tempo ela também começou a participar do GRUPAD/Unicamp – o qual atualmente coordena juntamente com a Heloísa Proença e com Guilherme Prado. Logo que ela iniciou sua participação nesse grupo, ficava bastante incomodada por encontrar poucos profissionais da rede estadual nos corredores e grupos da FE. Então, começou a divulgar os diferentes grupos de estudo do Grupo Estudos e Pesquisa em Educação Continuada - GEPEC, do qual o GRUPAD faz parte. Queria encontrar as profissionais da rede estadual em

outros espaços, que levassem para outros cantos seus saberes, dilemas, conquistas. Aos poucos, diferentes profissionais foram se chegando e hoje isso mudou. São muitas professoras de anos iniciais que deixam ou deixaram sua marca principalmente no Grupad. E depois desse nosso curso também começamos a ter professoras dos anos finais participando dos encontros.

Então, por conta desse vínculo que nos une até hoje, o GT chegou até nós, uma indicação do grupo de profissionais que, conhecendo nosso trabalho, desejava criar uma parceria.

As negociações para a formação se iniciaram no final de 2022 quando já tínhamos que ter um grupo de formadoras que assumiriam os encontros. Foi nesse momento que nasceu a “Proposta Indecente” porque Renata fez o convite a um grupo de professoras de diversos locais e redes de ensino para atuarem como formadoras no curso, com poucas certezas e muitas dúvidas. Uma proposta convite em que basicamente perguntava se tinham interesse em fazer parte dessa formação e que à medida que fosse ampliando o conjunto de informações partilharia com elas. Grupo formado, fechamos o ano de 2022 na maior expectativa!

Voltamos a 2023 e ao nosso curso. Depois de várias conversas, acertos, desenhos e (re)desenhos, chegamos a um formato que pareceu ser interessante para todos e, com mais detalhes, a coordenação do GRUPAD retomou a conversa com o grupo de formadoras. Algumas não puderam permanecer e foi aí que convidamos outras profissionais. Seguimos então com Ana Luiza, Ariana, Cris, Eliana, Fernanda, Janete, Livia, Teresa, Natalina,

Renata Del Monaco, Rosi e Susana, e na coordenação a Heloísa, o Guilherme e a Renata.

Assim, com planejamentos realizados, trilhas formativas desenhadas, demos início aos encontros no mês de março de 2023 com um encontro presencial em um sábado de manhã. E, pasmem, tivemos a alegria de ter muitas professoras presentes nesse encontro de abertura! Sabe por que a surpresa? Porque as professoras foram convidadas a participar do curso. Isso foi um diferencial, não estavam respondendo a convocação, mas foram porque desejavam. Sim, professores desejam participar de formação!! Para nós algo fundamental era que a participação de professoras e professoras coordenadoras fosse por desejo e não por convocação, seguindo a ideia de que o sujeito se forma em função das experiências de aprendizagem frutos de seu passado, de valores, desejos próprios e da não indiferença ao outro (Soligo, 2007).

Passamos por vários “perrengues” para organizar as turmas, professores fazerem inscrição na Escola de Extensão da Unicamp - Extecamp, receberem links de acesso às aulas e muitas vezes tudo parecia que ia dar errado! Eram dois passos a frente e três para trás. Até que finalmente nosso primeiro encontro virtual aconteceu. Conseguem imaginar a nossa empolgação? Empolgação que seguiu até o final dos encontros, pois, enquanto equipe, tivemos momentos de trabalho em colaboração em que cada uma contribuía com o planejamento da forma que podia, duplas de formadoras que foram se tornando de fato uma dupla, que pelo olhar já sabia o que a parceira desejava comunicar; empolgação após a realização de cada encontro com as professoras e o quanto

isso reverberava nas formadoras e em nós, coordenadoras. Nos bastidores e nos fragmentos de memória a alegria invadia, a emoção emergia, contagiada pelas narrativas após cada encontro.

Mas afinal o que tinha essa formação de tão contagiante?

As professoras eram contagiantes! Porque para nós, que constituímos o GRUPAD, as professoras têm um valor especial, estar com professoras, pensar junto com as professoras a partir de suas práticas de produção leitora e escritora foi e sempre será o diferencial da formação que defendemos, como também será causa de estranhamento, em alguns espaços. Não entendemos o papel da formadora como aquela que vem a dizer, que tudo sabe, que tem a solução dos problemas, mas sim como uma profissional que, a partir da escuta atenta aos professores, vai construindo e promovendo espaços de reflexão e deslocamentos de sensibilidades – enxergar, escutar coisas que não conseguia – e de conhecimento - pensar, repensar, validar as práticas de alfabetização junto aos estudantes de 3<sup>os</sup> e 6<sup>os</sup> anos.

*“Como assim leitura que acolhe, escrita de narrativas, roda de conversa, problematização, vai e volta?... Que horas vai dar o conteúdo do curso?...” “Por que escrever narrativas? Seria melhor ter uma professora ensinando sobre produção de texto, afinal é um curso?”* Essas eram perguntas, inquietações que povoavam os encontros, os não ditos, os papos nos corredores da escola, no ponto de ônibus, as reuniões com as equipes das diretorias, como ficamos sabendo.

O que importa é que as vidas não servem como modelos. Só as histórias servem. Só podemos viver nas histórias que lemos ou ouvimos. Vivemos nossas próprias histórias através dos textos. Podem ser textos lidos, contados, ou podem chegar até nós, como os murmúrios da nossa mãe. Qualquer que seja sua forma ou meio pelo qual nos cheguem, essas histórias formam a todos nós. (Bruner, [1986] 2004, p. 37)

Em nossa formação realizamos duas trilhas: uma de leitura e uma de escrita. E em diferentes momentos o que nos moveu foi a possibilidade de promover a interação entre formadoras e professores, professoras e estudantes, estudantes e estudantes de modo a pensar sobre a leitura e escrita em reais situações de uso. Esse, para nós, tendo uma perspectiva socioconstrutivista como referência, passou a ser um caminho para se formar um leitor e um escritor competente, cidadão autônomo, cidadão crítico.

Essa foi nossa escolha e aposta considerando todos os dados da realidade que tínhamos, somados às nossas experiências como professoras e formadoras especificamente junto a essa rede de educação. O valor, para nós, está em colocar a professora e o professor no centro de sua docência quando pensa sobre seus fazeres e saberes no cotidiano escolar, ao participar de uma formação, assumindo, assim, uma posição ativa, produtora de conhecimentos, o que sabemos, foge do padrão de muitos cursos e formações oferecidas.

Para finalizar esse processo e como tudo já tinha sido tão diferente propusemos uma rodada pedagógica. Ela aconteceu em um sábado de manhã, primeiro dia de férias

dos(as) professores(as). Nós, formadoras e coordenadoras da formação, lá na Unicamp, esperando as professoras. “Mas, gente, será que as professoras vêm num sábado de manhã até Barão Geraldo, apresentar trabalho no primeiro dia de férias?” Essa era a pergunta que mesmo silenciosamente cruzava nossos olhares e pensamentos. Sabíamos que teríamos público, afinal todo o encontro tinha sido planejado a muitas mãos. As formadoras tinham apoiado as professoras que fariam suas apresentações, mesmo assim tínhamos dúvidas, talvez porque tivéssemos impregnadas no nosso modo de pensar essa descrença no outro, no compromisso do outro, quando escolhe fazer algo porque deseja e não porque foi imposto. Um modo de funcionar e pensar não autoritário!

E mais uma vez fomos tomadas pela alegria de ver muitas professoras, comprometidas com seu trabalho, com seus estudantes, animadas em contar sobre seu fazer cotidiano, no espaço da universidade pública, o que para muitas, ficamos sabendo, era a primeira vez que adentravam a Faculdade de Educação da Unicamp. Tivemos mostra de trabalho, sessão de diálogo, ciranda de narrativas. Um dia que ficou marcado para nós! Um dia para rememorar e celebrar!

Ao longo desse ebook essa experiência vai sendo narrada. Está organizado em duas partes. A primeira com os textos elaborados pelas formadoras que contam do processo vivido e a segunda parte composta por uma coleção de narrativas produzidas pelas professoras ao longo da formação. No capítulo 1: “GRUPAD construindo uma trilha para unir os saberes da

Universidade e da Escola” as autoras apresentam o grupo e a proposta de formação com mais detalhamento. No capítulo 2: “A produção das narrativas e reflexões/compreensões a partir do conjunto de narrativas” as autoras se dedicam a partilhar o processo de produção das narrativas ao longo dos encontros e os muitos sentidos construídos por todos os participantes. No capítulo 3: “Narrativas formadoras no contexto do curso de Alfabetização como direito da criança e do adolescente” trazemos a voz das formadoras e os conhecimentos por elas construídos na relação com professoras e professoras coordenadoras de 3<sup>os</sup> e 6<sup>os</sup> anos.

E pensar que tudo começou com um convite para uma “proposta indecente” que gerou uma proposta docente muito decente!

## **Referência**

BRUNER, Jerome S. Realidade Mental, Mundos Possíveis. Porto Alegre: Artmed, [1986] 2004.

## Capítulo 1

### **GRUPAD construindo uma trilha para unir os saberes da Universidade e da Escola**

Ana Cristina Gazotto Batista<sup>1</sup>

Ana Luiza Tayar Lima<sup>2</sup>

Fernanda Camargo Dalmatti A. L. Ferrasin<sup>3</sup>

Maria Teresa Cruz de Moraes<sup>4</sup>

O GRUPAD – Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogo, vinculado ao GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, da Faculdade de Educação da UNICAMP, em seus encontros, recebe professoras, professores e profissionais da escola pública e privada e esses narram suas práticas, buscam reflexões

---

<sup>1</sup> Psicopedagoga, Formadora, especialista em Gestão Escolar e Direito Educacional, Coordenadora Pedagógica na Prefeitura Municipal de Mogi Mirim, Mestranda em Escritura e Alfabetización pela Universidade Nacional de La Plata na Argentina. E-mail: crixgazotto@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: ana100lui@gmail.com

<sup>3</sup> Professora da Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Campinas e Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: fernanda.dalmatti@gmail.com

<sup>4</sup> Professora, especialista em coordenação pedagógica, vice-diretora escolar e mestranda pela Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: teresacruz@prof.educacao.sp.gov.br

e se inspiram nas experiências narradas do outro para ampliar as suas.

Os encontros são híbridos e quinzenais, se caracterizam por uma busca voluntária, as participantes são motivadas pelo propósito de continuar os estudos sobre os processos de aprendizagem da leitura e da escrita de crianças. A organização dos encontros é pensada e encaminhada de forma colaborativa e as discussões, diálogos, reflexões transbordam dos encontros circulando no grupo de *WhatsApp* e redes sociais.

Na pauta há momentos de escrita e partilha de narrativas orais como disparadoras e mobilizadoras do pensar sobre a prática e o cotidiano docente; momentos para socialização de vivências de sala de aula que denominamos chão de escola, bem como estudos sobre temas específicos, com experiências voltadas para a relação teórico-prática e o incentivo de aproximação das pesquisas da área educacional, enfatizando a relação universidade-escola.

No IX Seminário Fala Outra Escola – “Co-lectionar: práticas de humanização com e para a liberdade” de 2019, integrantes do GRUPAD estiveram em uma roda de conversa onde refletiram sobre a temática, a aproximação e potencialidades da escola com a Universidade no trabalho intitulado “Universidade para a escola e da escola para a universidade: diálogos e experiências que co-lectionam possibilidades formativas” (Proença; Frauendorf; Moraes, 2019).

Nessa roda apresentou-se a importância de se ampliar o debate sobre a formação continuada como espaço de produção de conhecimentos, assim como o papel

fundamental da Universidade Pública como fonte de estudo e espaço de formação acessível aos profissionais da escola básica que não possuem vínculo acadêmico com a instituição (Proença; Frauendorf; Moraes, 2019).

Nos últimos anos temos nos dedicado a estudar temáticas discursivas sobre a alfabetização, assim como sobre a formação do/a leitor/a. Em 2019 iniciamos o primeiro curso oferecido pela Extecamp (Escola de Extensão da Unicamp) para professoras alfabetizadoras intitulado “Formação de Leitores” com o objetivo de identificar as situações de leitura que realmente aconteciam na prática escolar, problematizando as concepções de leitura que circulavam na escola além de situações escolares que se colocam em relação à leitura, a formação do/a leitor/a e às leituras que favorecem o desenvolvimento pessoal e profissional dos/as educadores/as.

O curso superou as nossas expectativas, havendo mais três outras edições, sendo em 2019 (segundo semestre), 2020 e 2021.

Em 2022 a coordenação do curso ampliou a proposta e desenvolvemos o curso “Ler para transformar: A formação do leitor e da leitora antirracista, construindo pontes com a relação racial” em que convidamos as participantes a dialogar conosco temas inerentes a formação do/a leitor/a, assim como a importância da leitura na formação escolar e na formação dos sujeitos na vida. Discutimos os princípios que constituem a formação leitora, considerando o currículo e as práticas escolares, com foco na Literatura Antirracista, na escola. Vivenciamos e dialogamos sobre experiências de leitura,

tecemos rodas de conversa para refletir o quanto o ato de ler pode nos ajudar a construir pontes na constituição de uma escola antirracista.

Com essa abertura de formações oferecidas pelo GRUPAD, via Extcamp, observamos que o grupo de estudos se aproximou ainda mais das escolas, ampliando o número de participantes nos encontros.

No dia 17 de novembro de 2022, algumas participantes do GRUPAD receberam uma notificação no *Whatsapp* de que haviam sido adicionadas a um grupo com uma proposta. A princípio causou estranheza e curiosidade. Com a confirmação de quem as havia adicionado, as conversas iniciaram. Guilherme, Heloísa e Renata, coordenadoras do GRUPAD, propunham a organização de um grupo de trabalho para o ano de 2023, explicitando que seria voltado à formação de professoras/es de 3º e 6º ano do Ensino Fundamental da rede estadual de São Paulo, no município de Campinas. A temática seria alfabetização e as formações aconteceriam de forma síncrona. No mesmo momento quase todas as notificadas aceitaram o convite, as que recusaram lamentaram por não ter espaço na agenda, pois todas viam nesse movimento grandes perspectivas de aprendizagens.

Em diálogo com o Grupo de Trabalho (GT) formado pelas Diretorias de Ensino Campinas Leste, Campinas Oeste e o Projeto “Movimento Educação Sempre” do município de Campinas, o GRUPAD estruturou o curso “Alfabetização Como Direito Da Criança e do Adolescente” que trouxe como objetivo principal contribuir para o processo de aprendizagem de leitura

(Lerner, 2002) e escrita (Ferreiro, 1993; Lerner, 2002) em uma perspectiva discursiva (Geraldi, 2006) de todos os participantes, estudantes, professores/as, coordenadoras de gestão pedagógica e formadoras.

O Curso foi oferecido de março a novembro de 2023 com carga horária de 50h, pela Extecamp em parceria com o GT. As formações aconteceram utilizando o aplicativo *Google Meet* para os encontros virtuais e o *Google Sala de Aula* para os registros e tarefas.

Os encontros foram planejados visando duas trilhas, uma de leitura e outra de escrita, baseando-se em produzir saberes/conhecimentos relacionados à aprendizagem desses conteúdos na sala de aula, através de vivências que aproximaram as cursistas das leituras e escritas e do compartilhamento dos processos de aprendizagem pelos/as estudantes, bem como para a formação docente. As reflexões foram pautadas na construção diária de situações de leitura envolvendo práticas sociais e escritas significativas: o que escrever, por que escrever, para quem escrever, onde circular? (Geraldi, 2006; Brakling, 2004).

A observação e a escuta das produções escritas dos/as estudantes possibilitaram reflexões sobre as concepções que permeiam as práticas escritoras nas escolas da rede estadual, favorecendo a compreensão dos seus saberes sobre o ato de ler e escrever, escrever e ler. Sempre buscando a aprendizagem em colaboração de todos/as os/as envolvidos.

Durante os encontros, o nosso olhar se volta para as narrativas das/os professoras/es, pois essa prática

contribui para a compreensão de situações e acontecimentos na e da sala de aula.

O ato de narrar, seja uma experiência, um incômodo, um dilema, uma angústia ou uma necessidade, permeia todos os encontros do GRUPAD. Escolhemos as narrativas como percurso metodológico que nos aproxima das relações vividas no cotidiano e nos ajuda a produzir sentidos para o vivido. Quando as experiências são narradas, ampliamos também o repertório pessoal e as situações que podem nos ajudar a tecer compreensões sobre aquilo que nos impulsiona a um fazer outro, contribuindo para enfrentar e superar as dificuldades vividas (Proença; Frauendorf, 2018, p. 5).

Tomar como ponto de partida a narrativa para o processo de formação continuada de professoras/es, é algo raro, mas é uma opção política, ética, estética a uma resposta não-indiferente às professoras (Bakhtin, 2017). O GRUPAD tem realizado, em seus encontros, a narrativa como ponto de partida e opção metodológica no processo formativo, e isso não seria diferente nessa parceria estabelecida com o Grupo de Trabalho (GT) formado pelas Diretorias de Ensino Campinas Leste, Campinas Oeste e o Projeto “Movimento Educação Sempre” do município de Campinas, para o curso "Alfabetização como Direito da Criança e do Adolescente".

Refletindo sobre o que é considerado formação continuada, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), ela deve oferecer aos docentes a oportunidade de aprender, junto com seus colegas de trabalho. Portanto, a formação continuada é o lugar privilegiado para se pensar a teoria e avançar na prática,

com suporte de um/a formador/a experiente que levará os conhecimentos para o grupo de professoras. No entanto, a lógica do GRUPAD é outra!

Qual a maneira do GRUPAD proporcionar formação continuada: um outro jeito ou um *jeito outro*?

Um jeito OUTRO de fazer Formação Continuada...

Nesse caso, a ordem das palavras altera o sentido do texto, sim! Pois um jeito outro é muito diferente de um outro jeito. Um outro jeito é apenas mais um jeito de fazer diferente. Um jeito outro é singular, especial, dialógico, colaborativo de fazer formação continuada. O indício que temos que esse jeito outro faz sentido para as/os educadoras/es é porque elas/es voltam voluntariamente e narram as contribuições nos encontros do GRUPAD. É comum escutarmos que não se sentem mais solitárias/os no cotidiano escolar.

Foi assim também com esse grupo de professoras/es da rede estadual de Campinas. Elas/es participaram dos encontros, apesar de ser uma participação oficial via Secretaria da Educação, também deixamos como um convite, o querer estar e fazer parte desse processo formativo, muito além de "receber" informações, rompendo com a ideia de uma formação bancária - emprestamos o termo de Paulo Freire (2005) - para uma formação dialógica, construída em parceria durante as trilhas de leitura e escrita, culminando, ao final desse percurso, na Rodada Pedagógica que aconteceu no dia 16 de dezembro de 2023, no prédio Paulo Freire, na Faculdade de Educação da Unicamp.

Os encontros foram organizados coletivamente pelas formadoras/participantes do GRUPAD, a partir de uma estrutura em comum como: o acolhimento com uma música; a leitura que acolhe; roda de conversa a partir da leitura de narrativas escritas pelos/as cursistas; problematização; vai e volta (tarefa); referências e materiais de apoio.

O *acolhimento* consistia no momento de recepção dos/as cursistas, com uma música, de modo a aguardar que todos/a chegassem na sala virtual, o *Google Meet*. No decorrer dos encontros fizemos colaborativamente, com a participação das/os cursistas, uma *playlist* disponível no *Spotify*.<sup>5</sup>

Após esse momento, era realizado pelas formadoras a *leitura que acolhe*<sup>6</sup> com textos de diversos gêneros literários com a intenção de inspirar para que as/os professoras/es também realizassem essa prática em sala de aula diariamente, ampliar o horizonte cultural e desenvolver comportamentos leitores com a finalidade de formar uma comunidade leitora.

Pois partimos do princípio de que

---

<sup>5</sup> Playlist:

<https://open.spotify.com/playlist/3snIHQAwln0TBLYAqp7k4C?si=v mIKSZ1IS0Kw2CbFuADAnw>

<sup>6</sup> Esse momento gerou um mural virtual de indicações literárias voltado aos anos iniciais do Ensino Fundamental possível de ser acessado em: <https://padlet.com/grupaddogepec/mural-de-indica-oliter-ria-turma-dos-anos-iniciais-do-ensin-rngnd8wtd644ujlfo> e outro voltado aos anos finais do Ensino Fundamental possível de ser acessado em: <https://padlet.com/grupaddogepec/mural-de-indica-oliter-ria-turma-dos-anos-finais-do-ensino--zh8l2p9nscq0i01o>

[...]a formação do leitor é ato importante para todos os profissionais da área educacional. Com esta escolha trabalhamos aspectos como ampliação de repertório, critérios de escolha, diversidade de gêneros textuais, entre outros. A leitura escolhida pode ser tanto um texto de literatura infantil, quanto um texto de leitura para adultos. (...) que demandam uma discussão e reflexão mais aprofundadas, outros com que nos deleitamos e não sentimos necessidade de conversar sobre eles. Enfim, juntas nesse momento, temos vivido - seja como leitoras, seja como ouvintes - uma variedade de experiências estéticas literárias (Frauendorf; Proença, 2018, p. 6-7).

No momento da *roda de conversa*, as/os cursistas socializavam as narrativas escritas que disparavam as discussões, as reflexões. Observamos que esse momento propiciou a identificação entre as/os professoras/es perante os desafios e as surpresas agradáveis de ser professor/a. E também para nós, formadoras, esse momento foi muito importante para retirarmos indícios de temas de estudos para o próximo encontro.

A *problematização* foi considerada por nós, formadoras, o coração do encontro, pois era nesse momento que os saberes circulavam, os equívocos a partir de uma proposta dialógica, sempre em diálogo na *práxis* (ação-reflexão-ação) (Freire, 2005) apareciam, muitas (des)construções aconteciam, sendo sempre de modo horizontal. Nós, formadoras, estávamos ali pensando juntas e elaborando, por meio de questões reflexivas, caminhos que apontavam as mudanças e os aprendizados necessários para se seguir.

Para as (des)construções foram utilizados diferentes recursos, como vídeos, artigos, *padlet*, *jamboard*, trabalhos em pequenos grupos.

Os nossos encontros eram finalizados com a proposta do *Vai e volta*, com tarefas que fizeram parte da complementação da carga horária do curso. Ressaltamos que essas tarefas sempre estiveram fundamentadas na narrativa, usando palavras, imagens, vídeos, tudo dependia da consigna elaborada coletivamente pelas formadoras.

Encerramos o curso "Alfabetização como Direito da Criança e do Adolescente" com um evento presencial denominado Rodada Pedagógica na Faculdade de Educação, no dia 16 de dezembro. Esse encontro foi um momento de apresentação de práticas docentes relacionadas à alfabetização desenvolvidas pelas/os professoras/professores durante o curso.

As práticas inscritas foram apresentadas de acordo com as seguintes modalidades:

*Ciranda de Narrativas* - leitura de narrativas produzidas durante o curso, dialogando sobre os sentidos, provocações, memórias, deslocamentos gerados no público, assim como as lições aprendidas a partir da experiência de escrever narrativas, ler em público e ouvir comentários.

*Sessão de Diálogo* - apresentações de experiências e reflexões de práticas pedagógicas, de formação e/ou educativas de alfabetização tecidas em diálogo com o curso realizado que favorecem escutas, diálogos e

produção de experiências, na busca de garantir o direito da criança e do adolescente em se alfabetizar.

*Mostra de trabalho pedagógico* – exposição de trabalhos (banner, cards, portfólio, vídeos, etc.) feitos por estudantes e professores/professoras valorizando essas experiências ético-estéticas para além da escola.

Foi um momento de muita partilha, mas principalmente de reconhecimento da autoria de cada participante do curso, entrelaçado com experiências significativas sobre nossas vivências na profissão.

## **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do Ato Responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BRAKLING, Kátia, L. Sobre leitura e a formação de leitores: qual é a chave que se espera?. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004. Texto parcialmente publicado no portal [www.educarede.org.br](http://www.educarede.org.br).

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; PROENÇA, Heloísa Helena Dias Martins. Formação de profissionais da educação: a potência das narrativas do cotidiano e dos grupos de estudos colaborativos. *in* Anais do VIII CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. São Paulo: 2018, p. 6-7.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GERALDI, João Wanderley. Escrita, uso da escrita e avaliação. In: GERALDI, J. W.; ALMEIDA, M. J. (Orgs.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006, p. 127-131.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PROENÇA, Heloísa Helena Dias Martins; FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; MORAES, Maria Teresa Cruz. Da Universidade para a escola e da escola para a Universidade: diálogos e experiências que co-leccionam possibilidades formativas. In: IX FALA OUTRA ESCOLA, 2019, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/fala-outra-escola-2019/trabalhos/da-universidade-para-a-escola-e-da-escola-para-a-universidade-dialogos-e-experie?lang=pt-br>. Acesso em: 23 Abr. 2024.

## Capítulo 2

### **A produção das narrativas e reflexões/ compreensões a partir do conjunto de narrativas**

Ariana Coelho Rocha<sup>1</sup>

Eliana Rodriguez Moreno<sup>2</sup>

Janete Rodrigues Cardone<sup>3</sup>

Susana Felix Paes Corrêa Leite<sup>4</sup>

Alguém que pode colocar no papel  
suas próprias palavras é alguém que  
não tem medo de falar em voz alta.

Emília Ferreiro, p. 54, 2004

---

<sup>1</sup> Pedagoga, com extensão universitária em formação de coordenadores pela PUC/COGEAE-SP, formadora de professores, gestores educacionais e escolares. E-mail: arianacoelho-rocha@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Unicamp, especialista em educação infantil e em educação a distância pelo Centro Universitário Claretiano. Formadora de professores, gestores educacionais e escolares. E-mail: elianamoreno2212@gmail.com

<sup>3</sup> Professora alfabetizadora, mestranda em Educação pela UNB/Brasília, especialista em Alfabetização: Relações entre o Ensino e a Aprendizagem pelo Instituto Vera Cruz/São Paulo e membro da equipe dos Destaques na Revista Emília. E-mail: janetecardone@gmail.com

<sup>4</sup> Psicopedagoga pelo Centro Universitário Don Domênico. Especializanda em Alfabetização pelo Instituto Vera Cruz/São Paulo. Professora dos anos iniciais da Rede Municipal de Guarujá/SP e formadora de professores. E-mail: susanaflite@gmail.com

Em nosso cotidiano, vivemos tantas situações complexas e muitas vezes compartilhamos com os colegas, familiares e esses momentos acabam esquecidos em meio a tantos outros da nossa vida. Mas isso não aconteceu para os/as cursistas que estavam participando do curso “Alfabetização como Direito da Criança e do Adolescente”, no âmbito do “Movimento Educação Sempre” e em parceria com o GRUPAD. Nesse curso as narrativas escritas sobre as experiências, as lembranças ou sobre as situações enfrentadas, de maneira pessoal ou profissional, se constituíram em material privilegiado para a reflexão coletiva. Proença e Frauendorf (2021, p. 55-56) afirmam que:

Quando as experiências são narradas, ampliamos também o repertório pessoal de situações que podem nos ajudar a tecer compreensões sobre aquilo que nos impulsiona a um fazer outro, contribuindo para enfrentar e superar as dificuldades vividas.

O processo de convite à escrita de narrativas foi estabelecido desde o primeiro encontro do curso, visando despertar o interesse dos/das participantes pela prática da escrita. A estratégia inicial adotada foi a leitura de uma narrativa cuidadosamente selecionada. Antes de a formadora realizar a leitura, solicitou-se às cursistas que refletissem sobre o que na narrativa mais lhes tocava, provocava ou trazia à tona lembranças, seja de suas próprias vivências ou de sua prática docente. A narrativa lida pela formadora foi: Uma “criança pré-silábica” que lê?

*Era exatamente isso que vivenciei em minhas andanças de professora da escola pública, quando era 2008.*

*Uma criança que lê a vida com uma leitura única, que a faz um sujeito único.*

*É impossível descrever o prazer que senti ao presenciar o momento em que aquele adolescente, menino de 13 anos, não alfabetizado nessa língua convencional de leitores e escritores em que estamos inseridos, de repente levanta-se de sua cadeira com uma folha nas mãos e me diz:*

*- Professora, lê pra mim a história que eu escrevi aqui?*

*Naquele papel, letras sem sentido e a mim coube apenas uma voz embargada e um sentimento analfabeto que lhe disse:*

*- Foi você quem escreveu. Então, nada melhor que o próprio autor do texto ler para a turma.*

*Desafio aceito e, ao final da leitura, aplausos dos amigos. Eu não poderia ler a história daquele menino, pois ali, era analfabeta.  
" (Chautz, 2015, p. 38)*

Esse momento foi um ponto de partida para um rico debate e reflexão entre os/as cursistas, fomentando a valorização e a acolhida das diversas formas de narrativas. Essa abordagem inicial inspirou as/os participantes a expressarem suas próprias histórias e experiências por meio da escrita.

Ao término do encontro, foi realizada a primeira proposta de narrativas dos/das cursistas, com questões instigadoras: Quais são as lembranças mais marcantes envolvendo leitura da sua infância e adolescência? Teve alguma pessoa que contribuiu de alguma forma em sua relação com a leitura? Como era vivida a leitura na escola onde você estudou? Que vivências o aproximaram e que

vivências o afastaram da leitura? Hoje, como você vivencia a leitura? Essa atividade foi apoiada pela disponibilização das obras do GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada) da Faculdade de Educação/UNICAMP, conhecidas como "Pipocas Pedagógicas"<sup>5</sup>, acessíveis gratuitamente online e utilizadas como fonte de inspiração.

Denominamos como “Vai e Volta” essas propostas de produção de narrativas entregues às formadoras pela postagem no ambiente virtual de aprendizagem utilizando “o Google Sala de Aula”. No próprio intervalo entre os encontros, as narrativas produzidas foram lidas pelas formadoras responsáveis pela turma, dando uma devolutiva individual a cada cursista. Assim, um primeiro diálogo em torno das histórias narradas acontecia já no ambiente virtual como esse comentário à cursista Roseli da Silva Herrero:

*Olá, Roseli, que lembrança bonita essa do livro que ganhou de presente do seu pai. Interessante como ter o livro nas mãos, poder folheá-lo, observar com calma as ilustrações são experiências marcantes que fazem a diferença na formação leitora, no interesse e no gosto pela leitura. Tanto que você se lembra disso até hoje... Também me chamou a atenção que sua professora realizava já naquela época a leitura em voz alta de maneira permanente. Considero que foi privilegiada por ter tido esse acesso também na escola! Que essa sua experiência como aluna possa servir de inspiração para as suas aulas com seus estudantes .*

*Abraço,  
Eliana Moreno.*

---

<sup>5</sup> [https://pedrojoaoeditores.com.br/?s=pipoca+pedag%C3%B3gica&post\\_type=product](https://pedrojoaoeditores.com.br/?s=pipoca+pedag%C3%B3gica&post_type=product)

Para o encontro seguinte, outra narrativa era selecionada (previamente ou no momento da roda) e compartilhada com todo o grupo. O texto era lido pela própria autora ou pela formadora e a partir dessa partilha, acontecia a nossa roda de conversa tendo uma questão como disparadora - o que essa narrativa traz e que você se identifica? O que ela nos toca?

Ao analisar as memórias compartilhadas, fica evidente o papel transformador e diversificado que a leitura desempenhou na vida dos/das participantes. Desde o prazer encontrado nas páginas dos livros infantis até o impacto significativo dos professores incentivadores, as histórias revelam uma colcha de retalhos rica de experiências leitoras.

Um dos temas recorrentes foi o encantamento inicial com a leitura, muitas vezes despertado por figuras parentais ou educadores. Segundo a própria cursista Maira Garbo de Oliveira, por exemplo, *em sua partilha trouxe à tona as horas passadas admirando a estante de livros da mãe e a influência positiva de professores que introduziram obras marcantes em sua vida*". Esse sentimento de admiração também foi compartilhado por Tatiana Aline Ribeiro, *cujas primeiras memórias leitoras estão entrelaçadas com as histórias ouvidas no colo da mãe*.

Outro ponto comum nas narrativas foi a descoberta da biblioteca como um espaço mágico de exploração e aprendizado. A cursista Juliana de Paiva Rufino *descreve a biblioteca escolar como um lugar de encantamento e formação leitora, reforçando o papel desses espaços no desenvolvimento do hábito de ler*.

A variedade de experiências destacadas nas memórias aponta para a importância da acessibilidade a materiais de leitura diversos e atraentes durante a infância e juventude, bem como o papel crucial dos educadores em nutrir e respeitar os interesses leitores individuais dos estudantes.

Contudo, algumas narrativas também tocam em momentos de dificuldade e desafio, como a pressão por resultados acadêmicos ou a falta de recursos para adquirir livros. Apesar desses obstáculos, a persistência na leitura muitas vezes levou a um profundo amor pelos livros e à escolha de carreiras que permitiram aos participantes compartilhar esse amor com os outros.

Em suma, as memórias coletadas evidenciam a leitura como uma experiência profundamente pessoal e variada, capaz de inspirar, desafiar e moldar indivíduos ao longo da vida. A oportunidade de compartilhar essas experiências pessoais por meio das narrativas contribuiu na construção de uma rede de significados em que o singular se torna ao mesmo tempo plural. Através dessas narrativas, percebe-se a leitura não apenas como um meio de adquirir conhecimento, mas como uma fonte de prazer.

No segundo encontro do curso, os/as cursistas foram desafiados/as a compartilhar uma prática ou situação de leitura que haviam desenvolvido, levando em conta a diversidade de saberes presentes em suas turmas. Essa proposta visava não apenas explorar as estratégias pedagógicas empregadas pelos educadores e educadoras para fomentar o interesse pela leitura entre os estudantes, mas também refletir sobre como tais práticas se

alinhavam com os diferentes níveis de compreensão e experiências dos estudantes.

As narrativas apresentadas pelos/pelas cursistas revelaram uma rica tapeçaria de abordagens comprometidas e éticas com o desenvolvimento da competência leitora dos estudantes, como percebemos nos relatos de algumas cursistas, como a da Rita de Cassia Palma Pires, professora coordenadora-cursista, participante da turma do 3º ano, que *introduziu o "caderno da leitura" nas salas de aula, incentivando os estudantes a compartilharem suas leituras com a família e expressarem, por meio de desenhos, suas impressões sobre as histórias, o que não só promoveu a aproximação das famílias no processo da leitura como também valorizou a expressão individual dos estudantes.* Francislene de Fátima Naves, participante da turma do 6º ano, *relatou sua experiência com o projeto "Atitude Educação", que ultrapassou os limites do ensino de Língua Portuguesa, estimulando nos estudantes o protagonismo e a participação ativa na melhoria do ambiente escolar. A leitura de uma obra de Ágatha Christie serviu como estímulo para a realização de um projeto maior, engajando os estudantes em uma causa comum e demonstrando o potencial transformador da leitura.* Kelly Viviane dos Santos Missio compartilhou a experiência enriquecedora de ler *"As Chapeuzinhos Coloridos"* para seus estudantes do 1º ano, destacando como a história *contribuiu para discussões sobre diversidade, respeito mútuo e valores sociais, evidenciando o impacto da literatura na formação de cidadãos conscientes.* Viviane Paula, ao finalizar a leitura de *"A Bolsa Amarela"* com sua turma, observou um *aumento significativo no interesse dos estudantes pela leitura autônoma, reafirmando o papel da escola como um espaço de*

*incentivo e descoberta literária. Camila Oliveira, diante de restrições institucionais, criou uma biblioteca de sala com a "sacolinha viajante", promovendo a leitura em família e fortalecendo os laços entre a escola, os estudantes e suas famílias, demonstrando a importância da criatividade e persistência do educador frente aos desafios.*

Essas práticas evidenciam a importância de abordagens pedagógicas que veem a leitura não somente como um objetivo curricular, mas como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento pessoal, emocional e social dos estudantes, criando ambientes de aprendizado ricos e motivadores.

Após o término da nossa trilha de leitura, que compreendeu quatro encontros enriquecedores, solicitamos aos participantes assistirem ao curta-metragem "D. Cristina perdeu a memória". Esse filme retrata a história de Antônio, um menino de 8 anos, que observa sua vizinha de 80 anos, Cristina, contar diferentes versões de sua vida, confundindo nomes de familiares e santos. Intrigantemente, Cristina acredita que Antônio detém a chave para ajudá-la a recuperar suas memórias perdidas.

Nesse contexto reflexivo, convidamos os/as cursistas a refletir sobre o que guardariam em suas "caixinhas da memória", baseando-se nas vivências dos encontros. Pedimos que considerassem os momentos significativos, os aprendizados conquistados, as emoções experimentadas e as conexões feitas através da literatura e do compartilhamento de experiências entre os educadores.

As memórias narradas desses quatro encontros compõem um mosaico de emoções, aprendizados e experiências compartilhadas, que impactaram

significativamente os cursistas e formadoras. Jacqueline Morais (cursista) *destaca a riqueza dos momentos vividos, salientando a variedade de sentimentos e a chance de crescimento como educadores imersos no universo da leitura. A cursista Leny Keico Horikwa ressalta a relevância de instigar nos estudantes, especialmente nos que ainda não são alfabetizados, o interesse e o entendimento pela leitura, elemento fundamental para o desenvolvimento da capacidade de ler. Assim como a cursista Elaine Cristina Bigaran que se concentra na troca de experiências, enfatizando como o compartilhamento de vivências enriquece e motiva tanto quem ensina quanto quem aprende, realçando a importância de adaptar as práticas de leitura às diferentes realidades. Severinna Gomes (cursista) enfatiza a importância do acolhimento e da escuta ativa, tratando a alfabetização como um processo que vai além dos limites da escola e influencia a vida dos estudantes de forma ampla, incentivando a autonomia na escolha de leituras. Tal como a cursista Patrícia A. Scarpato finaliza com uma nota de gratidão, valorizando os encontros como momentos de profundo enriquecimento tanto profissional quanto pessoal, destacando a importância das novas conexões estabelecidas e das leituras exploradas.*

Juntas, essas narrativas desenham o retrato de uma jornada marcada por descobertas, emoções e a consolidação da prática pedagógica na área da leitura, revelando o poder transformador da literatura e da educação e como a partilha de histórias e experiências cria uma rede de suporte e inspiração mútua entre educadores/as e estudantes.

Narrativas revelam não exatamente o que aconteceu de fato, mas o que o autor consegue lembrar permeado

dos sentidos e significados construídos. Portanto, destacam nossa compreensão do presente e influenciam nossas perspectivas futuras. Cada história escrita e narrada pelos/pelas professores/as-cursistas refletia não apenas os fatos objetivos, mas também as interpretações e emoções que permeavam suas experiências. No livro “Viver para Contar”, de Gabriel Garcia Marquez (2003), em que ele faz uma autobiografia, a epígrafe inicial anuncia que *“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”*. O autor destaca a natureza subjetiva da memória e da narrativa. A mensagem nos lembra que a vida é moldada não apenas pelos eventos que vivemos, mas também pela forma como escolhemos lembrá-los e contá-los.

A inclusão da citação de Mário Quintana (2006, p. 159): “O passado é uma invenção do presente. Por isso é sempre belo, até mesmo quando foi . A memória possui uma rica paleta de cores” serviu como um convite à reflexão sobre as memórias afetivas em relação à escrita.

Dentro das narrativas compartilhadas sobre alfabetização, emergiram variadas experiências, que iam desde desafios e obstáculos até momentos de encantamento e inovação. Foi notório o papel marcante dos/das professores/as nesse trajeto, onde relatos como o de um educador que utilizava a palmatória evidenciaram métodos punitivos, gerando medo e ansiedade. Por outro lado, histórias inspiradoras também vieram à tona, como a de um professor que transformava as aulas em um palco de contação de histórias, onde os livros ganhavam vida e a imaginação fluía livremente.

O uso das narrativas dos/das participantes sobre as quais era possível dialogar nas nossas rodas de conversa se constituiu, ao longo do curso, em uma estratégia metodológica formativa potente pela reflexão pedagógica produzida. A leitura, por vezes carregada de emoção, ao narrar passagens da infância, das primeiras experiências de contato com a leitura, de passagens marcantes da trajetória escolar ou situações vivenciadas em sala de aula com seus estudantes se conectou com as memórias dos demais, permitindo ressignificar suas trajetórias e compreender como tais experiências fizeram parte da forma como se constituíram como pessoas e como profissionais.

A manifestação de empatia demonstrada pelo grupo, após ouvirem esse momento de partilha dos/das colegas, contribuiu para o fortalecimento dos laços interpessoais, estabelecendo assim um ambiente propício ao apoio mútuo e à promoção de uma compreensão mais profunda, o que fomentou uma interação produtiva durante as atividades realizadas em pequenos grupos. Essa troca positiva e construtiva entre pares, observada durante as atividades em pequenos grupos, foi narrada por Elaine Cristina Bigaran:

*Colocaria na caixinha da memória as experiências trocadas, dividir as vivências é algo gratificante para quem o faz e incentivador para quem recebe. Essa troca é essencial porque hoje em dia temos o desafio de despertar no estudante o interesse pela leitura e conhecer outras práticas ajuda muito nessa tarefa, pois podemos expandi-las e adaptá-las às nossas necessidades e realidades. (Elaine Cristina Bigaran).*

O ato de compartilhar vivências é gratificante para quem o faz e motivador para quem as recebe. Essa troca é fundamental diante do desafio contemporâneo de despertar o interesse dos/das estudantes pela leitura. Ao conhecer diferentes práticas e experiências, os educadores têm a oportunidade não apenas de ampliar seu conhecimento, mas também de ampliar suas perspectivas e adaptá-las às demandas específicas de suas realidades e necessidades individuais e de seus estudantes.

Essa abordagem colaborativa não apenas promove o reconhecimento dos/das professores/as como profissionais independentes que estudam a própria prática ao escrever e partilhar suas narrativas, como também contribui para a reflexão em uma comunidade escolar onde o trabalho em equipe é valorizado. Ao sair da cultura do trabalho individual e isolado, os/as educadores podem explorar e exercitar uma abordagem mais coletiva e cooperativa, enriquecendo assim a prática pedagógica e promovendo um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, reflexivo e inclusivo.

## **Referências**

Chautz, Grace Carolina Chaves Buldrin. Ler e Ser. Ou Seria, Ser e Ler? In Pipocas Pedagógicas III: narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. O ingresso na escrita e nas culturas do escrito. Seleção de textos de pesquisa. Tradução de Rosana Malerba - São Paulo: Cortez, 2013.

PROENÇA, Heloísa Helena Dias Martins; FRAUENDORF, Renata Barroso Siqueira. A potência das narrativas do cotidiano e dos grupos de estudos colaborativos de alfabetização na formação continuada. *in* Guilherme do Val Toledo Prado; Liana Arrais Serodio; Vanessa França Simas [Orgs.] Narrativas e Formação: diálogos universidade e escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. Viver para contar. 11.ed. São Paulo: Record, 2003.

QUINTANA, Mário. Caderno H. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.



## Capítulo 3

### **Narrativas formadoras no contexto do curso de “Alfabetização como direito da criança e do adolescente”**

Maria Natalina de Oliveira Farias<sup>1</sup>

Renata Del Monaco<sup>2</sup>

Rosimeire dos Santos Souto<sup>3</sup>

#### **Contar histórias é preciso!**

O desafio da escrita deste texto é estabelecer um diálogo com as narrativas produzidas pelas formadoras a partir da formação realizada durante o ano de 2023. Somos três formadoras num exercício de escrita a três mãos, tivemos turmas de formação em alfabetização e aceitamos o desafio de realizar uma elaboração possível de algumas de nossas produções, que foram composições

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Doutoranda em Educação GEPEC/FE/Unicamp. E-mail: natalinafarias2203@gmail.com

<sup>2</sup> Educadora, pós-graduada em Educação pela Escola do Parlamento. Geógrafa pela PUC-SP. Militante nos Direitos Humanos do acesso à literatura. E-mail: redelmonaco@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Ensino Fundamental e Ensino Médio, especialista em coordenação pedagógica pela UFSCar e CGPda rede estadual paulista de ensino. E-mail: rosimeiresantossouto@gmail.com

narrativas realizadas pelas formadoras durante o desenvolvimento dos encontros com as professoras.

Fizemos o exercício que foi além de uma leitura sobre os encontros, pois foi uma imersão no horizonte social (Volochinov, 2019) oferecido por meio dos registros das formadoras. Somos quatorze mulheres, todas professoras, algumas no chão da sala de aula, outras na coordenação e na formação de professores, todas envolvidas no processo formativo com a temática leitura e escrita, a partir da participação no Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogos, o GRUPAD/GEPEC/UNICAMP. À medida que ocorreram os encontros com as professoras-cursistas e durante o processo de planejamento das pautas formativas, entre as professoras-formadoras, o desejo de “contar/narrar” revelou o processo metodológico orientado para as narrativas docentes no âmbito dos coletivos.

Em “*O narrador*”, Walter Benjamin (1994) aborda a noção de experiência do narrador, a dele e a dos outros. A ideia de experiência se alinha com a sabedoria de quem narra. Diferente de um mundo que informa, que descarrega uma overdose de informações, que empobrece experiências de contação de histórias, o narrador retira de sua(s) experiência(s) e surpreende, encanta, espanta quem as ouve. Convida os outros a darem continuidade no que conta. Para Benjamin (1994, p. 200-201), “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo, porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.” Afinal, o que contamos? Que efeitos de sentido foram possíveis no processo do desenvolvimento da

formação? Destacamos que uma das atividades permanentes era o exercício de escrever narrativas a partir de provocações relacionadas ao trabalho realizado pelas professoras-cursistas, em sala de aula, mas também de memórias de quando eram estudantes. As nossas narrativas conectaram-se com as narrativas das professoras-cursistas. Mas o que sentiam dos acontecimentos imprevisíveis e inesperados? Queremos dialogar com esse movimento trazendo fragmentos dessas produções.

### **O que contamos?**

Fazemos uma comparação de nossas produções de narrativas a partir das bonecas russas Matrioskas em que uma boneca menor fica dentro de uma maior. Essa imagem corrobora com os sentidos que as narrativas que lemos proporcionaram porque uma está ligada com a outra e com a outra e assim sucessivamente. Não há começo, meio e fim. Nem amplitude! O que há é plenitude! As bonecas russas são plenas de beleza quando as vemos juntas, independentemente da posição que cada uma ocupa. Há uma unidade na diversidade! O mesmo pensamos das coleções de coleções e de coleções de narrativas. Elas foram tematizadas e, muito embora identificadas pela problematização que trazem, juntas comunicam histórias a contar.

Inicialmente, as narrativas foram escritas com as expectativas sobre a formação, foi o bloco dos inícios. Nós formadoras tematizamos as sensações, as expectativas de

um trabalho a vir a ser! Os efeitos para nós mesmas de algo que não se sabia o que seria! Escrevemos sobre esses começos. Manoel de Barros inverte a lógica de começo para descomeço. Assim:

No descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo. O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: 'Eu escuto a cor dos passarinhos.' A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira. E pois. Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos — O verbo tem que pegar delírio. (Barros, 2011, p. 301. 2010)

E em que tipo de começador nos reconhecemos? A Lívia, formadora, nos ajuda a avançar de um começador para reconhecedor:

*... o começo deixa vazios inarrados... até porque me parece difícil dizer como tudo começou, o 'era uma vez' dessa história que mistura um presente tão próximo e um passado que estava aqui, agora, e que já foi... O antes do encontro vem desse lugar quentinho e acolhedor da literatura, da escuta, da partilha, do fazer e do pensar J U N T A S. Como é a dança do trabalho compartilhado? Ora fala, ora silencia. Ora propõe, ora aprende. E conhecendo as outras professoras, eu me reconheço! E no encontro com o outro, o meu reencontro mais profundo! É possível, nem que agora não te caiba tantas compreensões... Leio bell hooks, canto passarinhos do Emicida, peço ajuda para aprender a olhar com as palavras que abraçam Galeano. Olho da janela virtual os olhos de uma professora-parceira tão conhecida em apenas breves minutos. Olho nos olhos de professoras-parceiras-de-luta pela tela do computador, que se tornam espelhos nos quais me revelam*

*quem sou, quem posso ser, ou ainda: o mosaico complexo de experiências que me construíram até aqui. Eu sou, porque nós somos!” (Ubuntu)*

Mas havia um bastidor, um começo de bastidores, como seria? A Renata, coordenadora do curso, expõe esse contexto, abrindo para nós as suas vivências de quem se invisibiliza momentaneamente.

*Pela lateral, acompanhei o espetáculo, como se estivesse na coxia de um palco espiando o que acontecia na formação do primeiro encontro do curso de alfabetização como direito da criança e adolescente. No limiar do palco e cena; dentro do espaço, fora da cena! Meu ponto de vista era o das notícias, das perguntas, das fotos que chegavam pelo nosso grupo de formadoras do zap. Naquela manhã de março em nossa organização fiquei a frente de cuidar dos emails: responder dúvidas de acesso ao curso, perguntas sobre troca de período, dar informações... e no paralelo administrar a conversa com a responsável pelo GT (Grupo de Trabalho) e parceira do curso resolvendo os problemas que iam surgindo. Queria entrar nas salas virtuais, viver o encontro, ouvir as professoras, sentir as formadoras, mas a cada momento em que achava que a parte administrativa chegava ao fim, novas mensagens pulavam. Podia deixar para depois.*

*Mas tinha um outro do lado de lá, possivelmente um outro que queria participar do curso, um professor ou professora levado ou levada pelo desejo em formar-se. Isso não é pouca coisa em terreno que impera a convocação como forma de acessar formação. Responder era minha sinalização de que ele ou ela não estava só. O espetáculo terminou. E eu fui recolhendo os restos, vestígios de comentários, rastros de alegria que chegavam das formadoras pelo grupo do WhatsApp. Pelos bastidores e retalhos fui invadida pela alegria, emoção, contagiada pelas narrativas do que tinha sido o*

*primeiro encontro.* (Bastidores - Renata Frauendorf – 02/04/2023)

Podemos dizer que as duas narrativas são epígrafes, um modo narrador de começar, os bastidores são mostrados, contados, como os começos em que não cabem compreensões, como diz a Livia. Perguntas a formular?

*Acho que agora vai!! Coragem, Ariana! Confesso que estava ficando incomodada em não ter enviado a minha narrativa do primeiro encontro até hoje. Pensei que ao ler as primeiras narrativas compartilhadas seria mais fácil fazer a minha, mas que nada. Cada uma que eu lia, ficava tão encantada com a forma de narrar, os detalhes observados por vocês que voltava a estaca zero com o meu rascunho. (O tempo de todas as coisas – Ariana - sem data)*

Escolhemos três narrativas, num primeiro momento, para compreender uma parte de indícios que revelam um percurso formativo e, de certa forma, corremos o risco de considerações não realizadas serem ocultadas. Mas fizemos escolhas e com elas vamos pensar. As palavras *reconhecer*, *(in)visibilidade* e *rascunho* constituem uma relação promovida no ato da escrita de narrativas, que forma e que transforma visões de mundo. O dar-se conta é uma sensação real!

*E numa manhã de quarta-feira, carregadas de expectativas, 26 de abril, Cris Gazotto e eu já nos encontrávamos prontíssimas para liberação da entrada de nossas queridas cursistas da turma 2. Iniciamos nosso acolhimento às professoras fazendo uma homenagem e dialogando com Krenak durante a leitura da*

*epígrafe: "Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem - fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é na natureza." (Ana Cristina Gazotto, 26/04/2023)*

A narrativa acima descreve sensações mobilizadoras propiciadas pelo material oferecido para as professoras, mas que reverbera na formadora. As palavras de Krenak afetam a formadora, que passa a se sentir parte de um todo em que as professoras fazem parte também. Sente que a voz de Krenak é emprestada a ela e, na narrativa, encerra com a voz dele.

*A prática da professora Fran e de outras professoras, aqui e acolá, por mais que pareçam distantes, são pontos de luz que brilham, reluzem e me fazem sonhar com a possibilidade de mais poesias como estas, de estudantes que são escritoras e escritores que se inscrevem no mundo da leitura e da escrita. Sigamos a esperar, como estrelas a brilhar... O caminho que o grupo está nos dando - a mim e à Rosi - é uma oportunidade única de estabelecermos o princípio de formação, de construção de conhecimento que se realiza em colaboração. Além de dar, de mão beijada, pistas de que o contexto social pelo qual o sujeito está implicado possibilita as condições das relações humanas no qual o livro ou a situação de leitura ficou marcado. O cheiro e a imagem trazem as características dessa rememoração do percurso leitor....A vida é uma narrativa entrelaçada, repleta de encontros e despedidas. Naquele momento, naquela reunião especial, nossas histórias se encontraram e se entrelaçaram, formando um tecido de emoções e aprendizados que jamais esquecerei. Os pequenos*

*milagres do cotidiano, as lágrimas derramadas pela eternidade que habita em nós, tudo isso nos une e nos faz compreender a profundidade da experiência humana através das páginas dos livros e das memórias que carregamos. É uma demonstração de afeto, de reconhecimento de que estamos ali, entre telinhas, nos constituindo juntas. (Ana Cristina Gazotto, 26/04/2023)*

A formação também tem esse papel, de mostrar a importância desse tempo. Quando a professora diz para a formadora Ariana, como conclusão de um encontro formativo: *“olha só, agora vejo que eu tenho que planejar as intervenções”*, podemos dizer que de alguma forma a formação acontece nas relações mediadoras, nas palavras, nos enunciados realizados no *tempo espaço* da formação com colegas de trabalho, no contexto do cotidiano escolar. A escrita e a leitura aparecem como algo a ser compreendido entre pares, como necessidade de repensar práticas e ações alfabetizadoras e ressignificar a profissão docente. E essas sensações são sentidas pelas formadoras que as constituem profissionalmente.

### **Considerações finais:**

Entendemos que as narrativas orais e escritas se constituem como dispositivos metodológicos potentes e importantes para a formação das pessoas envolvidas que é realizada a cada encontro. Mas vai além de um dispositivo metodológico, é um princípio de não indiferença a todas as histórias que podem ser narradas, e narradas porque foram vividas. As pessoas necessitam narrar, porque somos seres contadores de histórias. O

texto aqui escrito nos ensinou algo simples: ao escrever tivemos consciência de um lugar, de um posicionamento que possibilitou aprendizagens raras e caras aos propósitos do curso. São as sensações que marcam o nosso desenvolvimento, a sensação de sermos sempre um rascunho, um pergaminho.

## Referências

BARROS, Manoel de. Memórias inventadas: segunda infância. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

Manoel de Barros. O livro das ignoranças – poesia completa. São Paulo: Leya, 2010, p. 301

BENJAMIN, Walter. Experiência IN: \_\_\_\_\_. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: \_\_\_\_\_ Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.p.200 a 204.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.



# Coleção de narrativas



## Sobre colecionar narrativas

Heloísa Helena Dias Martins Proença

Renata B. Siqueira Frauendorf

Guilherme do Val Toledo Prado

Colecionar. Ato antigo e que, de alguma forma já fez parte da vida de cada um de nós. Um ato que nos move a reunir, organizar e preservar fragmentos do mundo que nos cerca. Walter Benjamin (2012, p. 71), flâneur perspicaz, explorador das ruas e dos labirintos da memória, sabia bem o poder que reside nesses objetos reunidos, nesses cacos de experiências que, juntos, compõem um mosaico singular. Um universo em que livros, brinquedos, selos, gravuras, fotografias e todos os tipos de quinquilharias se transformam em portais para o passado, em testemunhos de um tempo vivido e de histórias a serem guardadas, contadas, compartilhadas.

E se pensarmos a escola como espaço de produção de inúmeras coleções? Um conjunto heterogêneo de vidas, saberes, experiências, que se entrecruzam e se refletem, refratam. Cada estudante, um universo, cada profissional, um narrador, um colecionador de olhares, de gestos, de aprendizados. Pensando nas coleções, inspiradas nas provocações de Renata Frauendorf (2023), te convidamos, caro leitor, a transitar por esta coleção de narrativas de professoras e professores movidos pelas perguntas: *“quais os achados que esta coleção pode te oferecer? O que irá capturar sua atenção fluida ao juntar, ler essas narrativas?”*.

É nesse movimento de colecionar preciosidades e singularidades com as quais aprendemos e ainda podemos aprender mais, que apresentamos nossa coleção de narrativas de educadores da escola básica, um relicário de vozes que ecoam pelos corredores, salas de aula e pátios. Vozes que sussurram e gritam, que riem e se emocionam, que narram as pequenas e grandes histórias que tecem o dia a dia da educação. Acreditamos que na própria experiência de leitura, na imersão neste conjunto de narrativas que, juntas, revelam a beleza e a complexidade do universo escolar, podemos aprender sobre a escola, sobre a nossa profissão e sobre o campo educacional de maneira mais aproximada dos contextos reais.

Reconhecemos a singularidade de cada enunciado, a riqueza da diversidade que se manifesta em cada experiência.

Deixar-se levar na leitura das narrativas dessa coleção é um convite para um mergulho na subjetividade de sujeitos que vivem a educação como profissão, a se conectar com as alegrias, as angústias, os desafios e as superações que marcam a trajetória de cada pessoa, exercitando o olhar para o que nos ensinam.

Que estas páginas sirvam como um espelho, refletindo a pluralidade de vozes, que inspirem a escuta atenta, o diálogo respeitoso e a construção de um processo educativo mais acolhedor e mais conectado com as necessidades das pessoas que vivem e convivem na escola.

## Referência:

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In BENJAMIN, Walter. *In Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 69-82.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira. **De estrela a constelações: investigação formação narrativa da formadora flâneuse de formadoras**, 2023. 283f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

# Trilha de Leitura

## Minha vivência com a leitura

Angela Raquel<sup>1</sup>

Na minha época escolar a professora colocava uma imagem na lousa e pedia para nós, alunos, escrevermos algo olhando para aquela imagem. A partir daí, imaginava muitas coisas e escrevia o que me vinha como inspiração (chamava-se composição). E eu adorava essa aula e ficava pensando qual seria a próxima imagem que a professora iria levar. Na sequência passei a ler toda a coleção Vagalume e me lembro muito do livro “O escaravelho do diabo”, seus mistérios me envolviam muito. Como minha família não possuía condições de comprar livros, eu emprestava da escola e a partir das leituras que fazia passei a escrever as minhas produções. Eu subia no pé de goiaba e lá permanecia um bom tempo escrevendo minhas histórias.

Quando adentrei no ensino médio tive a imensa sorte de ter um professor de Língua Portuguesa que nos inspirava em suas aulas ora por meio de suas leituras, ora pelos livros que ele levava para a sala de aula para cada aluno. Ele também realizou na escola um concurso de poesia, participei com dois poemas e fui vencedora com os dois.

---

<sup>1</sup> [angelaraquel.artes@gmail.com](mailto:angelaraquel.artes@gmail.com)

O universo da leitura sempre me encantou, pois tinha curiosidade em saber o que as pessoas escreviam.

Hoje, possuo mais de 300 livros em minha biblioteca pessoal e é o presente que mais gosto de ganhar. Todos os dias procuro incentivar tanto os professores como os alunos a mergulharem no universo mágico da leitura para a expansão da vida.

A minha intenção e objetivo é desenvolver leitores, mostrar os caminhos da leitura como uma bússola que guia a construção do ser humano. Como diz Daisaku Ikeda: “Ler é um privilégio que pertence apenas aos seres humanos; nenhuma outra criatura neste planeta tem essa capacidade. Por meio da leitura, podemos entrar em contato com centenas de milhares de vidas além da nossa, e entrar em comunhão com sábios e filósofos que viveram até mesmo há dois milênios”.

Viva a leitura!

## **De geração a geração: Memórias afetivas de leitura**

Angélica Pereira dos Santos Ancona<sup>1</sup>

Voltando magicamente no tempo, e digo de passagem, que tempo maravilhoso que passei com a minha família, muitas memórias sobre leitura vieram à tona. Fiquei pensando muito sobre as tantas lembranças que tenho do meu ingresso ao mundo da leitura. Posso dizer que sou uma apaixonada por leitura porque meus pais eram leitores e apaixonados por leitura, aliás, minha família toda. É engraçado ver a quantidade de gêneros que circularam e circulam na casa de meus pais e meus irmãos e, inclusive, na minha casa com a família que constituí.

Ao tentar escolher sobre o que resgatar das minhas memórias, descobri algo inédito! Comecei a me constituir leitora desde o tempo em que estava na barriga de minha mãe. Dá para acreditar? Sabe como descobri isso? Vou contar um pouco da minha história...

Eu sou a filha número três de oito filhos, isso quer dizer que eu já tinha dois irmãos mais velhos do que eu e, cinco mais novos que estavam sempre chegando.

Minha mãe tinha o costume de ler livros literários infantis para meus irmãos mais velhos antes de dormir, e foi aí que descobri que já estava me constituindo leitora

---

<sup>1</sup> decampinasleste.angelica@gmail.com

mesmo antes de nascer. Não dizem que os bebês escutam seus pais mesmo estando dentro da barriga?

Pois é, escutava as histórias que mamãe lia aos meus irmãos mais velhos e quando nasci, essa atitude foi continuando, fui crescendo e vendo meus irmãos mais novos nascerem e escutarem histórias que mamãe lia todos os dias antes de dormir. Escovávamos os dentes e íamos para a cama rapidinho para ouvir a mamãe mais uma vez. Que delícia! Tenho muitas lembranças e muitas saudades!

Não vim de uma família rica, mas posso dizer que a riqueza de amor, carinho, atenção, dentre outras coisas não faltaram. Mas aí você pode estar pensando... Como não tínhamos muito dinheiro, como é que minha mãe lia livros todas as noites? Estranho, não é mesmo? Onde ela arrumava os livros para serem lidos?

E é aí que meu pai entra nesta história. Meu pai, que era um homem para lá de sábio, eu diria genial, teve a brilhante ideia de fazer a carteirinha da biblioteca municipal para ele e para minha mãe. Então, conseguíamos apreciar muitas histórias. Mas não parou por aí, aos poucos fomos nos tornando sócios da biblioteca municipal. Isso aconteceu porque muitos de nós, acho que uns seis filhos a essa altura do campeonato, já sabíamos ler e escrever. Meu pai dizia que éramos sócios de um mundo onde havia magia, imaginação, dentre outras coisas que a leitura nos trazia ou nos fazia sentir. Nossa, pai! Como você fez a diferença! Obrigada, meu lindo!

Lembro-me bem de quando descobrimos que tínhamos o direito de pegar emprestado cinco livros da

biblioteca para a semana, foi a glória!!! Então, eu e meus irmãos acabamos fazendo um combinado de quais autores, quais livros iríamos pegar para ler durante a semana. Era uma imensa diversão!! Alguns irmãos selecionavam seus livros pelos autores que já conheciam, outros escolhiam pelo desenho e colorido da capa, outros pelo título do livro. Um de nós lia para o outro ou líamos sozinho ou ainda, líamos para os vizinhos. Era tão engraçado ver a vizinhança da rua toda se reunir na frente da minha casa e nos sentarmos em roda para escutar histórias que nós selecionávamos, depois cada um dizia o que gostou ou não sobre a história.

Monteiro Lobato, Walt Disney, Charles Perrault, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Irmãos Grimm, Mário Quintana, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Raquel de Queiroz, Maria Clara Machado, Marina Colasanti, Saint – Exupéry, Tatiana Belinky, Vinícius de Moraes, leitura de jornal, revistas em quadrinhos, era o que apreciávamos conforme íamos crescendo. Acredito que tenha mais autores, mas no momento fico apenas com o que líamos com mais frequência.

Já na escola ...

Às vezes me pergunto: Por que será que a leitura na escola não me encantou? O que será que aconteceu?

Se eu dependesse da escola para ser uma amante de leitura, isso não seria possível. Para entender melhor o que estou falando tenho que resgatar um pouco o contexto que vivenciei.

Década de 70, em plena ditadura militar onde não se podia questionar nada, a escola tinha o papel de nos “formatar” e em silêncio. Não havia trocas de ideias, experiências. Existia medo e não o respeito. Nada era construído, tudo era imposto, principalmente o tipo de leitura. A seleção das leituras e a finalidade da mesma era ler para ser avaliado. Fazíamos prova dos livros lidos. Não podíamos mudar uma vírgula do que o autor havia escrito, ou seja, escrever aquilo que entendemos. De verdade, queriam uma cópia do que o autor escreveu e não a compreensão ou discussão que o livro poderia causar. Vejo aí a inutilidade da leitura, o desgosto por ela.

Às vezes fico imaginando o quanto a escola é responsável por formar pessoas não leitoras. Isso é sério, muito sério.

Quando, há 40 anos atrás, resolvi ser professora, percebi que poderia fazer diferente. Cometi muitos erros no começo de carreira, mas também houve acertos e um deles foi trazer os livros para sala de aula e realizar a leitura para as crianças, assim como meus pais faziam em roda, contando histórias para dormir, como fazíamos para nossos vizinhos. Isto eu fiz de diferente e fui muito criticada pelos colegas de profissão. Diziam que era uma perda de tempo.

Vocês pensam que eu ligo para isso? Claro que não! Sabem por quê?

Porque consigo ver até hoje aqueles rostinhos de expectativas quando trazia um livro novo. Os olhares brilhantes de algumas crianças, a vontade de ouvir mais, os momentos em que alguns se emocionaram, riram, ficaram bravos. É maravilhoso pensar o quanto a leitura

nos leva ao mundo que quisermos pensar, a um inesgotável imaginário.

E para finalizar as minhas memórias, pensando o quanto podemos passar de geração a geração alguns comportamentos e procedimentos de leitor, vou parafrasear minha neta Luísa que, logo após ter aprendido a ler e a escrever, aos cinco anos, pegando um livro da estante da minha casa, começou a ler, suspirou e falou:

– “Vovó, como é bom saber ler.”

De geração a geração: Memórias afetivas de leitura.

## Lembranças de leituras afetivas

Bruna Maria De Mendonça<sup>1</sup>

As lembranças da minha trajetória leitora...

Lembrar das leituras que ocorreram durante a minha vivência leitora é lembrar com carinho da coleção Vagalume e dos momentos na biblioteca da escola. Na época estudava no colégio Culto à Ciência, cuja biblioteca era um dos meus lugares prediletos, nesse espaço de estudos, eram realizadas pesquisas em enciclopédias e até mesmo aquelas leituras por entretenimento. Lembro-me com carinho de um dos meus primeiros livros emprestados da biblioteca, cuja obra era da biografia do cantor Cazuza.

Durante minha vida escolar e na infância tive muitos estímulos, mas sem cobranças excessivas e sim com muito carinho, a leitura era vivenciada de forma tranquila, nos gibis da turma da Mônica, nos livros que eram emprestados da escola, ou até mesmo nas coleções que eram adquiridas durante o ano. Em uma dessas coleções, uma obra que me marcou muito foi o livro *Metamorfose* de Franz Kafka, lembro com carinho da coleção que foi adquirida através de uma promoção de um jornal.

O acesso aos livros era algo mais difícil, precisava ser emprestado da biblioteca com data certa para entregar ou tinha que ser emprestado por familiares e amigos.

---

<sup>1</sup> brunamariamendonca@prof.educacao.sp.gov.br

Recordo dos dias que aguardava ansiosamente pelos momentos de acessar um novo livro, seja através de empréstimos da biblioteca ou de presentes generosos de amigos e familiares. Cada volume era uma porta para um mundo novo, uma oportunidade de crescimento e novas descobertas.

À medida que eu crescia minha paixão pela leitura se intensificava, guardando com carinho os meus livros e suas memórias afetivas. As literaturas de Paulo Freire, que foram vivenciadas na faculdade, lembranças dos livros que ganhei de uma amiga quando iniciei minha pós-graduação, das indicações literárias, como “O cérebro autista” de Temple Grandin, livros que foram indicados por amigos, familiares, colegas professores, enfim, livros de uma vida toda...

Com os meus alunos não é diferente, quero transmitir o mesmo carinho, com livros que transmitem afeto, acolhimento, divertimento, sabedoria e entretenimento. Porque leitura é isso, é vivenciar o mundo em sua volta, de maneiras diferentes, conhecimentos diferentes e criar laços afetivos em sua volta.

## Caminho sem volta

Ariane Andrade dos Santos<sup>1</sup>

Meu primeiro contato com livros não foi em casa, meus pais não tinham hábito de leitura, tampouco compravam livros para os filhos com o intuito de nos incentivar. Tudo começou no jardim de infância, quando íamos para a biblioteca da escola. Localizada em outro prédio, distante da sala de aula, o trajeto até lá era mágico: passávamos por um lindo jardim e, durante todo percurso, caminhávamos em fila cantando algumas músicas infantis.

A biblioteca estava repleta de livros disponíveis para empréstimo por uma semana, com a possibilidade de renovação por mais tempo. Na época em que ainda não sabia ler, escolhia os livros pela ilustração que mais me chamasse atenção. Esse mergulho no mundo da arte e da imaginação fez com que eu me apaixonasse pelos livros infantojuvenis.

Além dos livros emprestados, a professora trabalhava em sala de aula alguns exemplares, os quais eram lidos e posteriormente reproduzidos pelos alunos através de ilustrações. Dois livros em especial marcaram-me muito: “A Margarida Friorenta” de Fernanda Lopes de Almeida e “As Centopeias e seus sapatinhos” de Milton Camargo.

---

<sup>1</sup> arianeabiologia@gmail.com

Quando finalmente comecei a ler, minha fonte principal de leitura continuou sendo os livros emprestados pela escola. Durante a adolescência, um dos gêneros que mais me interessavam eram os contos de terror e mistério. Somente aos dezoito anos, quando comecei a trabalhar, que pude comprar meus livros e iniciar minha coleção pessoal. Desde então, não posso ver uma promoção que não resisto...

Minha leitura sempre foi diversificada, incluindo ficção, romance, história, suspense, conto, poesia, autoajuda e obras religiosas. O que me atrai logo de início, não sossego até terminar.

Acredito que os professores que fizeram parte da minha jornada foram os maiores incentivadores para que eu desenvolvesse o hábito de leitura, pois em casa isso nunca existiu. Sou imensamente grata a cada um desses educadores que despertaram em mim o prazer pela leitura, pois eu acredito que cada um deles contribuiu para o meu crescimento e autoconhecimento. Ler é um processo libertador. Quem não lê não desenvolve senso crítico, não viaja sem sair do lugar, não é criativo, não tem sensibilidade com as coisas do mundo. Ler por prazer é um caminho sem volta!

## **O relato de uma professora novata em sua vivência com a alfabetização**

Caroline Vigarani Rodrigues Drumond<sup>1</sup>

Começo esta narrativa relembrando os percalços da minha trajetória até aqui. Em 2016 iniciei o curso de pedagogia, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), estar nessa universidade sempre foi um sonho de adolescente. No final de 2019 finalizo a tão esperada graduação e nesse meio tempo adquiri experiências como monitora em um colégio bilíngue com metodologia montessoriana.

Nesse colégio minha função era de monitora da Educação Infantil, recordo que todo final de ano eu ficava com uma expectativa gigantesca de ter a oportunidade, de ser professora auxiliar. E era sempre aquela expectativa de ter uma oportunidade de aprender e mudar de função, aliás era muito grande a esperança de ser finalmente uma professora. Foi quando inesperadamente surge a pandemia, que veio devastando o emprego de muitas pessoas, incluindo o meu. De repente me encontro desempregada e sem “experiência” para passar em processos seletivos. Foi então que surgiu a oportunidade de ser professora particular de uma criança de quase dois anos.

---

<sup>1</sup> vigaranicaroline16@gmail.com

“Se a vida te der limões, faça uma bela limonada”, e durante três anos, trabalhei e desenvolvi as habilidades do método Montessori com esta criança. Toda experiência é válida, mas eu sentia um vazio dentro de mim, era como se o meu sonho de ser professora de uma turma estivesse anulado. Estar trabalhando em uma casa estava cômodo, então percebi que eu precisava sair da minha zona de conforto e me colocar diante de novos desafios e alcançar meus objetivos profissionais e pessoais.

E em fevereiro de 2023 iniciei minha trajetória como professora na Escola Estadual Professor Marcelino Velez. A minha primeira turma foi o 3º ano, que turminha incrível. E foi através dessa escola que, hoje, estou escrevendo minha narrativa sobre o processo de alfabetização para a conclusão do curso “Alfabetização como Direito da Criança e do Adolescente”. Chegar até aqui foi um processo longo, que por várias vezes pensei que não iria conseguir, na verdade por muitas vezes pensei em desistir.

Durante a graduação, tudo parece ser tão simples como se fosse uma receita de bolo e a realidade é bem diferente. Quando cheguei na escola encontrei uma pessoa que me acolheu, acreditou em mim e segurou em minhas mãos. Essa pessoa foi minha coordenadora pedagógica, Andrea Carla Santana. Ela me ensinou como aplicar a sondagem, como avaliar e quais seriam os próximos passos. A minha sala era composta por trinta alunos, sendo seis que ainda não tinham adquirido a hipótese de escrita. E neste meio tempo que parecia tão veloz, surge a oportunidade de realizar este curso com as professoras Maria Teresa e Cris Gazotto.

Em uma das atividades do curso, a professora pediu para que fosse feita uma pesquisa sobre obras de artes e escolher uma na qual eu me identificasse com minha prática, realidade na escola. E a obra de arte que me definia naquele momento era “O grito – Edvard Munch”, pois eu buscava maneiras diversas de ensinar as crianças e eu não enxergava e nem entendia que meu trabalho era de formiguinha e que o resultado chegaria. E o que eu poderia fazer para ensinar e acolher meus alunos? No curso a cada encontro uma nova perspectiva e possibilidade me direcionavam no que poderia ser feito, então resumo minha prática na alfabetização

Todos os dias tenho como rotina realizar leituras, sendo ela deleite, compartilhada e individual. Para as crianças que precisavam de uma intervenção/ atenção maior eu preparei um caderno de atividades de reforço, conciliando com os materiais concretos, jogos lúdicos. Uma vez na semana cada estudante escolhia um livro, levava para casa e realizava sua ficha de leitura, e no dia seguinte tínhamos nossa roda de conversa e indicação literária. As crianças sentavam em agrupamentos produtivos e eu costumava revezar dando total atenção a uma criança ou a uma dupla.

Em todas as atividades dos livros didáticos, as crianças que não eram alfabetizadas participavam como as outras, e eu sempre buscava adaptar as atividades, identificar a letra, o som, as sílabas evidenciando sempre o método de onomatopeias. Nunca fiz aceção das crianças as classificando ou separando como “bom ou ruim”. E uma das lições que me marcou neste curso foi aprender que não devemos classificar ou rotular a criança

como “esse é silábico sem valor, ou pré – silábico”, tudo que a criança já sabe é de extrema importância e vamos contribuir para que ela avance.

Com essas estratégias, finalizo meu ano recebendo cartinhas, bilhetes e pequenas frases dos meus alunos que durante o ano se dedicaram, venceram suas inseguranças e hoje estão na hipótese silábica alfabética e alfabética. No começo do ano eu me sentia muito insegura, não confiava no meu próprio potencial, e isto foi um processo que eu encerro mais forte, com mais sede de aprender para ensinar da melhor maneira. Receber um bilhete ou uma pequena frase dos meus alunos que não sabiam escrever o nome completo torna meu dia e minha vida mais feliz. Definitivamente tem valido a pena sair da minha zona de conforto e me realizar na minha vida profissional. É tanta alegria que transborda em minha vida pessoal.

Encerro agradecendo por todo conhecimento que foi compartilhado comigo, a Caroline do começo do ano não é mais a mesma desse final de ano. Agradeço as professoras pelo acolhimento, por terem contribuído e dividido tanto saber e me mostrar um caminho de educação respeitosa, empática e que no final os alunos chegam ao resultado de um trabalho que foi conquistado e trilhado por eles. Meu percurso na educação está apenas começando, mas acredito que nós, professores, temos o poder nas mãos de pegar nas mãos dos nossos estudantes e conduzi-los de maneira segura e confiante para os seus sonhos. Finalizo deixando uma frase: “ Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa” – Emília Ferreiro.

## No momento da espera...nasce uma leitora

Daniele Eloise Silveira Kobayashi<sup>1</sup>

Vasculhando as reminiscências, recordo que o contato inicial com os livros começou com algumas leituras feitas por minha mãe de contos de fada e contos populares, no entanto a construção de sentidos e significados mais marcantes começou em uma espera.... não passiva, mas reflexiva e desejante.

Por volta de sete anos, após a aula, ficava aguardando meu pai ir me buscar na Biblioteca do SESI, local onde estudei desde a Educação infantil até o final do Ensino Fundamental. Aguardava meu pai todos os dias por volta de 1 a 2 horas. Meu pai também trabalhava no SESI e me apresentou a Biblioteca como sendo um lugar seguro para ficar, pois a bibliotecária, Dona Isabel, era velha conhecida da família.

Apesar de ser um lugar considerado seguro, no início fiquei insegura e descobri que a Biblioteca era um lugar grande, que não havia crianças e o silêncio reinava absoluto. Fiquei observando por dias, de forma inacessível os livros, pois ficavam bem no alto. Lembro que estanquei com olhos pregados uma coleção de capa azul com letras douradas, no alto da lombada de cada volume tinha o nome do autor em dourado. Nessa época eu estava em processo de alfabetização, já sabia ler, mas

---

<sup>1</sup> danieleeas@gmail.com

ainda não era proficiente, mas identifiquei o nome do autor, Lobato.

Recordo que depois de alguns dias, no momento de espera, Dona Isabel dirigiu a palavra até mim e perguntou:

- Você quer ver os livros? Já sabe ler?

Com voz baixa, quase sussurrando disse que sim. Estava ansiosa para verificar os livros, pegar e respondi:

- Eu quero, sei ler, mas um pouquinho.

No início, peguei livros que já conhecia e que estavam ao alcance da minha altura, como: João e o Pé de Feijão, Chapeuzinho Vermelho, entre outros. Mas aquela coleção lá no alto me deixava cada dia mais e mais com desejo de ver e conhecer o que estava escrito, imaginava se havia gravuras e se as letras seriam douradas também.

Demorei mais de um mês para pedir para Dona Isabel pegar o livro azul com letras douradas. No momento que tive coragem, senti meu coração acelerar, com medo da resposta ser negativa, meu pedido foi quase como uma súplica: “posso pegar para ver?”

Tinha medo da Dona Isabel, ela era séria, tinha uma voz firme e nunca sorria, minha avó já tinha me prevenido que não era para fazer muitas perguntas, pois ela não gostava de muita conversa.

Ela pegou o livro do alto, eu fitava cada movimento dela até ela pegar a coleção e trazer para eu ver. Quando abri o livro, confesso, fiquei um pouco decepcionada, pois as letras não eram douradas, mas as folhas eram macias e lisas. Vi uma boneca colorida, no livro, na verdade com

cabelos coloridos. Achei linda e fiquei curiosa para saber quem era. Dona Isabel perguntou:

- Você conhece ?

Disse que não, com voz bem baixa e com receio.

E para meu espanto, ela contou sobre Emília, sobre Monteiro Lobato. Fiquei encantada, cheguei em casa contando e disse que queria trazer o livro para casa. Não tive coragem de pedir para trazer o livro, pois poderia levar uma bronca. Pedi para meu pai pedir para Dona Isabel.

No dia seguinte, aguardava com grande ansiedade a aula acabar e ir para meu momento de espera e descoberta na Biblioteca e saber a resposta, se poderia ou não levar o livro. Meu pai chegou para me pegar e pediu para retirar o livro e ela deixou. Fiquei tão feliz, que quando cheguei almocei rápido e pedi para minha mãe ler logo. Sempre fui ansiosa. Ela leu e queria saber mais, saber dos outros livros da coleção.

E foi assim que, durante os momentos de espera, fui buscando *Reinações de Narizinho* e conheci também Ana Maria Machado, Ruth Rocha, entre outros. Lembrei nesse momento da escrita de Clarice Lispector no livro *Felicidade Clandestina*: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” (LISPECTOR, 1981, p. 8). Era assim que senti quando tive contato com a coleção azul.

O tempo passou.... novos caminhos.... novos trajetos.... mas a espera continuava por novos livros, novos conhecimentos....

Após sair do ensino fundamental, continuei frequentando a biblioteca, não mais esperando pelo meu pai, mas na espera por novos autores que ainda não conhecia. Eu frequentava a Biblioteca uma vez por semana.

No período em já estava realizando o Magistério, recordo que desejava conhecer outros autores, estava uma leitora mais voraz, e percebendo-me mais madura para a leitura, Dona Isabel me apresentou um **de** seus autores preferidos. Ao entregá-lo, explicou-me que era uma das autoras mais importantes da literatura inglesa: Jane Austein. Ela gostava muito de toda a obra dela. Trouxe-me o livro: Orgulho e Preconceito. Abri-o mais do que rapidamente e o li em dois dias e, na sequência, li mais três livros da autora. Gostei e ainda gosto da forma como descreve as protagonistas, desafiadoras dos padrões sociais e das convenções daquele período de submissão da mulher ao casamento determinado.

Muitas outras leituras vieram, não apenas pela Dona Isabel, mas por outras indicações, pelas professoras do Magistério, pelas indicações das professoras da faculdade e também pelo meu marido, que é um leitor voraz. Acredito que nosso relacionamento começou exatamente nas recomendações de leituras e nas indicações.

Encontrei autores como: Guimarães Rosa, Gabriel Garcia, Moacyr Scliar, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles, Émile Zola, Fernando Pessoa, Tolstói e Dostoiévski, entre tantos outros....

E ainda hoje, gosto de ter encontro marcado, parafraseando o título da obra de Sabino com autores que já li como Guimarães Rosa, com a leitura da Terceira

Margem do Rio e a clássica obra Sagarana. As leituras e cada momento da vida são transformadores, assim como as águas de um rio, nunca são as mesmas quando passam por nós uma segunda, uma terceira vez.

A descoberta mais recente foi da autora Annie Ernaux, escritora francesa conhecida por seus romances com análises críticas sobre classes sociais, identidade e transformações baseadas em sua experiência pessoal. A obra “Os Anos” relata a história da autora, reconhecendo a memória enquanto potência e como um fecundo espaço de transformação.

Hoje gosto de ler porque me alimenta, porque permite me reconhecer, identificar e transformar, e porque me ajuda a viver, a continuar... a caminhar... na espera de novos momentos e novas conquistas...

## Caixinha da memória

Elaine Cristina Bigaran<sup>1</sup>

Colocaria na caixinha da memória as experiências trocadas, dividir as vivências é algo gratificante para quem o faz e incentivador para quem recebe. Essa troca é essencial porque, hoje em dia, temos o desafio de despertar no aluno o interesse pela leitura, e conhecer outras práticas ajuda muito nessa tarefa, pois podemos expandi-las e adaptá-las às nossas necessidades e realidades.

---

<sup>1</sup> elainebigaran@gmail.com

## Minhas memórias

Isabella Cristina Maia Martinez<sup>1</sup>

Iniciarei esta narrativa contando sobre uma pessoa que para mim alicerçou toda a minha trajetória de vida. Meu Pai era uma pessoa extremamente cativante, motivado e incentivador da minha criatividade e da minha melhor parte da vida, a infância. Não vejo outra maneira de iniciar, sem mencionar como ele teve um papel importante na minha formação como ser humano. Um homem que tinha uma rotina dura e pesada em obras, sim, ele nos dava o sustento e lutava para que seus filhos tivessem interesse pelos estudos mesmo que a vida não lhe tivesse dado o privilégio de se formar, pois desde pequeno trabalhou para auxiliar suas cinco irmãs em seus estudos.

Recordo-me perfeitamente, escrevo aqui e como um filme me lembro de cada detalhe desde a hora que chegava em casa e sentava ao meu lado e me dava atenção, lia livros para mim e sempre incentivava a leitura em minha casa.

Minha primeira coleção de livros infantis ganhei de presente no Natal, os livros iam desde O patinho feio à Bela Adormecida, recheados de ilustrações e com um texto de uma doçura para uma leitora iniciante.

---

<sup>1</sup> isbellamaia@prof.educacao.sp.gov.br

Logo percebendo meu prazer pela leitura, vieram outros e outros..., o mais rápido possível ele pintou uma linda lousa em um verde escuro na parede da área do fundo da casa e ali minhas bonecas conheceram o mundo da literatura, viajaram comigo a cada aventura contada. Sonhador como eu, ele via em mim o que talvez fosse o sonho de ele estudar, de conhecer o mundo através dos livros.

Hoje carrego esta lembrança valiosa e todos os dias ao ler para meus alunos, vejo o brilho em seus olhares, querendo saber mais e mais, podendo descobrir através da leitura, o novo, o encantador, a surpreendente leitura.

Hoje ensino aos alunos e os cativos a amar um bom livro e se deliciar com uma leitura de qualidade, assim como aquele homem que um dia me ensinou que para se aventurar, não precisa muito, basta ter um bom livro e muita imaginação.

Jacqueline Morais<sup>1</sup>

Desses quatro encontros eu colocaria cada leitura, cada sorriso, cada aprendizado, cada rosto preocupado, cansado, sorrindo, cansado, triste, apreensivo, ansioso. Colocaria a oportunidade de sermos melhores como educadores e conhecedores do universo fantástico da leitura.

---

<sup>1</sup> tiajacque10@hotmail.com

## Leitor Reluzente

Jussara Aparecida Teixeira de Mello<sup>1</sup>

Sou uma leitora perfeita,  
Com saberes e detalhes inerentes.  
Aprecio e sou suspeita  
Contemplando a leitura perfeitamente.

Amo obras diferentes,  
Meus professores abriram minha mente.  
Fizeram do meu mundo leitor  
Bem mais transformador e coerente.

Ah! Se tem uma coisa,  
Que não consigo,  
Para sempre amarei...  
Todos os meus livros.

No mundo da leitura,  
Tudo tem brilho e humor.

---

<sup>1</sup> jussara\_terola@hotmail.com

Faz sua partitura  
E cada verso tem mais valor.

Vivendo e Aprendendo.  
Repassando e sendo inteligente,  
A leitura nos prepara  
Para a arte reluzente!

## Uma trilha de leituras...

Juliana de Paiva Rufino<sup>1</sup>

Falar em leitura sempre me remete a sentimentos tão nostálgicos e afetuosos... Iniciei cedo minha formação como leitora, pois desde a tenra idade lembro do incentivo à leitura por parte de meus pais e minha tia. Um dos primeiros títulos que me lembro era um livrinho de capa dura, que tinha um personagem que tocava tambor. Não era meu, era de minha irmã, mas não sou capaz de mensurar quantas vezes o li, ou melhor, leram para mim.

Ao entrar na escola, aos seis anos, tive o privilégio de encontrar a professora Márcia, que naquela época já sabia do poder da leitura e lia pra gente de uma maneira tão fascinante que até hoje me recordo das aventuras da Camila, personagem de uma coleção que ela tinha e que me levou a tantas viagens... A vida nem sempre acontece como desejamos, no ano seguinte ela seria minha professora novamente, mas pareceu bem a Deus a levar para ensinar em outro plano. Sofri muito com a perda, mas fui presenteada por uma professora que me inspira até hoje! Como esquecer a professora Marli Pignata? Ela lia e nos incentivava a ler de uma maneira tão cativante que, não à toa, a frase que ela nos presenteou no final daquela 2ª série foi “Tu te tornas eternamente responsável

---

<sup>1</sup> jurufino.strela@gmail.com

por aquilo cativas.” e essa frase bem como esse e tantos outros livros que ela leu permanecem comigo até hoje.

Me pego às vezes refletindo sobre o privilégio que tive, pois são frequentes os momentos em que pessoas manifestam suas lembranças escolares, suas relações com a aprendizagem e a leitura, com frustração e com traumas, eu agradeço sempre! Tive a grande sorte de, ao longo da minha caminhada, em escola pública, ser agraciada com professores que me motivaram e motivam até hoje. Oriunda de uma família pobre, não tínhamos dinheiro para comprar livros, mas o fomento de minha mãe encontrou parceria. Ela vendia Yakult de porta em porta, eu a acompanhava, e nessas idas e vindas, me recordo de uma de suas clientes, japonesa, mãe de dois jovens rapazes. O que ela tinha de especial? Ao saber do meu fascínio em ler, ela abriu sua casa para que eu entrasse, semanalmente, para escolher entre a coleção fantástica de seus filhos, os gibis que eu desejasse. Eu escolhia quantos iria ler durante a semana, na outra, devolvia e pegava novamente. X-Man, Liga da Justiça, ah os super-heróis... não é de hoje minha paixão por eles!! Não sei se conseguem imaginar a cena, uma garotinha de 6, 7 anos, miúda, que às vezes parava para conversar com dois jovens a respeito da leitura dos gibis que eles liam e colecionavam e que afetuosamente me emprestavam. Os anos passaram, e continuei lendo durante toda a infância.

Na adolescência, foram tantas noites em claro junto aos livros, que minha mãe chegou a se preocupar, mas com 12, 13 anos li os clássicos de nossa literatura, me vi apaixonada pelas obras e estilo de José de Alencar e Machado de Assis. Na 8ª série, foi a professora Tatiana

que conseguiu nos envolver. Ela solicitou a leitura do livro “A hora do amor” de Álvaro Cardoso Gomes. O enredo acontece durante a Ditadura Militar no Brasil. Esse pano de fundo desencadeou uma inquietação e assim ela propôs um trabalho de pesquisa em grupo que foi iniciado com nossas mães. Afinal, elas tinham os vinis, tinham os relatos cheios de memórias e nos falavam sobre a época, a censura, as letras das músicas, os festivais... Nos debruçamos a ler e ouvir as canções de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Geraldo Vandré... foi tão intenso que isso foi para a sala e a professora explorou de uma maneira tão gostosa, que se tornou ainda mais significativa. Tudo isso em aulas de Português. Hoje, com o olhar de educadora, consigo ter dimensão de como ela foi sagaz e aproveitou o nosso interesse para trabalhar o seu currículo e muito além dele. Nessas aulas de Português aprendi muito de História! E educação é sobre isso. Desse modo, a leitura foi me acompanhando. Até que, ao chegar no CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério), me vi presa no encantamento das leituras que a professora Solange Campos fazia. Sim, ela conseguia nos envolver de tal maneira, que não parecíamos ter a idade que tínhamos, parecíamos crianças desfrutando daquele néctar da literatura infantil. Lembro ainda do dia que ela solicitou que lêssemos o livro “Depois daquela viagem” de Valéria Piassa Polizzi. Que livro! Ela fez com que lêssemos e refletíssemos de maneira tão natural que compartilhávamos os exemplares sem nos dar conta do rodízio que acontecia para que todos lessem. Na época não adquirei o livro, mas ele nunca saiu do meu repertório, e anos mais tarde me vi comprando e o

colocando em minha biblioteca, carregado de tantas lembranças.

Ingressei na faculdade, no curso de Letras, e lá também tive professores que me instigaram: Ana Lúcia Moret, Carlos Augusto Melo (Guto) e Leila Caldas, como falavam de literatura! Como encantavam! Que preciosidade de indicações literárias! São recordações regadas de fascínio e ternura.

Dessa forma, a leitura nunca me abandonou, e pode parecer até estranho, pois ler faz parte do meu trabalho diariamente, mas quando estou muito cansada, estressada, querendo espairar, são neles que me apego: meus livros! Já não leio somente os físicos, a paixão me fez aprender a ler nos portadores digitais, e eles me acompanham ainda mais, em todos os lugares.

Hoje, enquanto professora, tento, assim como meus professores, encantar crianças e adultos com histórias e livros, afinal, eles modificam nossa maneira de enxergar o mundo.

## Uma Jornada Mágica de Aprendizado e Amizade

Kelly Viviane dos Santos Missio<sup>1</sup>

Em 2018, fui afortunada o suficiente para ter sido escolhida para ensinar a turma do 1º ano A em uma escola local. Eu estava entusiasmada com o desafio, mas também um pouco nervosa, mesmo já tendo experiências anteriores. Afinal, ser responsável por ensinar crianças pequenas pode ser um empreendimento desafiador. No entanto, eu não tinha ideia de que os alunos dessa turma me fariam viver algo tão mágico.

Logo no início do ano letivo, decidimos ler o livro "As Chapeuzinhos Coloridos", escrito por Marcus Aurelius Pimenta e José Roberto Torero. As crianças ficaram animadas com a ideia de ler um livro, mas eu não esperava que elas se identificassem tanto com as personagens do livro.

As crianças ficaram encantadas com a história das chapeuzinhos, que eram diferentes em cor, mas ainda assim, se respeitavam e eram amigas. Elas se identificaram com as personagens, reconhecendo nos amigos algumas das características das chapeuzinhos.

O livro também abordava valores importantes, como respeito e obediência aos mais velhos e respeito pelos animais. As crianças começaram a aplicar esses valores

---

<sup>1</sup> kellymissio@prof.educacao.sp.gov.br

em suas próprias vidas e a compartilhar suas experiências com seus amigos e familiares.

A leitura deste livro rendeu assuntos para o ano todo. As crianças discutiram sobre as diferenças e semelhanças entre elas, a importância da amizade, do respeito mútuo e do cuidado com os animais. Foi incrível ver o quão envolvidos eles estavam com a história e como eles aplicavam os valores do livro em suas vidas diárias.

Ao final do ano letivo, eu me senti honrada por ter sido capaz de ajudar essas crianças a descobrir o amor pela leitura e a aprender lições valiosas que elas levariam consigo para o resto de suas vidas. Foi realmente uma experiência mágica e inesquecível para mim e para a turma do 1º ano A.

Leny Keico Horikwa<sup>1</sup>

Eu vou guardar na minha caixa de memória, a importância da leitura com os alunos com escrita não alfabética, para despertar a vontade de entender o que está escrito, para aos poucos conseguirem ler as palavras realmente!

---

<sup>1</sup> lenyhorikawa2011@gmail.com

Apesar de ser filha de professora a minha vivência com a leitura se deu somente a partir da 4<sup>a</sup> série, talvez por minha mãe lecionar o período todo, quando chegava em casa se preocupava com os afazeres domésticos e, naquela época, acredito que o importante era que eu aprendesse a ler, escrever e fazer as quatro operações, como se a leitura não fizesse parte desse processo.

Minha iniciação com a leitura não foi uma experiência agradável, tinha que ler por obrigação, pois ao final de cada leitura era obrigada a fazer o resumo do livro e seria avaliada.

Depois que me tornei professora e após várias formações sobre a importância da leitura, pude ir descobrindo o prazer em ler. Hoje procuro transmitir isso aos meus alunos, incentivando-os com as leitura diárias, rodas de leitores, indicações literárias, mas nunca os obrigo a fazer um resumo, para evitar que também vejam a leitura como uma obrigação e sim um momento mágico e de grandes descobertas!

---

<sup>1</sup> lucimarune@gmail.com

Não me lembro quando foi que eu me apaixonei pelos livros, eu já nasci no meio deles, dentro de uma escola e rodeada de professores. Me lembro que quando eu era criança passava horas e horas olhando para a incrível estante de livros da minha mãe. Ver aqueles livros ali me encantava e eu sempre falava: um dia vou ser professora igual a minha mãe e ter uma dessa.

Eu tinha alguns exemplares que sempre foram os meus favoritos como “O sanduíche da dona Maricota”, ou “A fada Cisco quase nada”. Eu sempre pedia para a minha mãe ler e reler esses livros pra mim, e ela sempre o fazia. Eu amava brincar de escolinha e estava sempre com um livro por perto.

Quando estava no ensino fundamental na antiga 4<sup>a</sup> série, a minha professora leu o livro “A bolsa amarela”. Eu, que já era apaixonada pelo incrível mundo da leitura, me encantei ainda mais, me encantei pela história e me lembro de falar que um dia eu iria ler esse livro para os meus alunos. E assim eu fiz, li um dos meus livros preferidos da infância para a minha primeira turma, em 2014.

Os anos se passaram, e eu me distanciei um pouco dos livros, até eu chegar na faculdade e uma professora chamada Mara nos mostrar a leitura em voz alta, ela iniciava a aula sempre com uma leitura diferente, e falava

---

<sup>1</sup> mairagarbo@professor.educacao.sp.gov.br

que todo professor tem que ofertar essa leitura para os alunos e assim eles se apaixonariam, e foi durante essas aulas que eu voltei no tempo e me lembrei de como a minha infância foi doce, e cheia de fantasia proporcionada pelo mundo dos livros.

Hoje, como professora, tento mostrar para os meus alunos que os livros nos dão asas, nos levam para lugares onde não podemos estar e nos ensinam caminhos diferentes do que podemos planejar.

## Cheiro de livro

Márcia Cristina Sesso Ramalho<sup>1</sup>

Quando pequena meu pai lia de tudo. Mas, aos domingos, eu ficava esperando o entregador de jornais lançar o nosso no meio do quintal. Eu pegava o jornal, sentia o cheiro de jornal, tirava do saquinho e colocava na mesinha do centro na sala. E depois, ele passava horas lendo e comentando todas as notícias comigo. Mostrando imagens, dando opinião, fazendo julgamento, às vezes bravo, outras irônico.

Ele sempre foi um apaixonado por leitura e virou um vício severo, era o que minha mãe sempre dizia. Era tamanho o vício, que guardava dinheiro para participar das bienais do livro, ir nas feiras... e pior, onde tivesse chance ele comprava... enciclopédia, dicionário, coleção de todo tipo!

Já na fase de alfabetização, meu pai comprou livros de contos de fadas que vinham com disco. Eu ouvia as histórias e acompanhava nos livros. Meus favoritos eram os gibis e a coleção de ouro Disney...com todos os contos com alto relevo.

Na escola pública onde eu estudei todo o ensino fundamental, tinha uma biblioteca muito simples. A professora Maria era a responsável por nos ajudar a escolher os livros para leitura na sala e também para

---

<sup>1</sup> marciaramalho79@gmail.com

pegar emprestado. O livro que mais me marcou foi “Com as pontas dos dedos e os olhos do coração”, foi na época que passou o cometa Halley, além de lermos de forma compartilhada na sala de aula a professora Henna pediu pesquisas e cartazes sobre o cometa e o livro. E também o livro: “A preguiça Amanhã e a libélula Jajá” marcou a minha memória.

Quando fiz 15 anos, ganhei do meu pai uma edição especial de ouro do livro “Olhai os Lírios do Campo”, do Erico Veríssimo. Li em três dias. E reli umas mil vezes. Guardo com muito amor até hoje!

Cresci amando a leitura de todo o tipo e os livros. Não perdia uma placa, um panfleto, livro no metrô e os empréstimos na biblioteca. Morava na zona leste de São Paulo e trabalhava no centro...meu tempo no transporte era para ler, mesmo que encolhida no ônibus ou esmagada no metrô.

Hoje, pós pandemia, pós COVID-19, estou lendo menos. Meus olhos mesmo com o oftalmo dizendo que o grau não mudou, sinto que fica embaçado, os olhos lacrimejam e uma leve dor de cabeça. Mas, tenho tentado modernizar minha leitura usando as tecnologias. Ouvindo através de audiobooks, ou da acessibilidade. Tentado, porque sinto falta de pegar nas mãos e sentir o “cheiro de livro”.

Os hábitos construídos são fortalecidos na nossa memória e na nossa vida. E hoje, como professora, procuro motivar a leitura na sala e começo pelo “cheiro de livro”, depois o livro. Os sentidos marcaram minha memória e em tempos de mundo digital, o toque ainda muito humano, deixa marcas na memória.

Uma das lembranças extremamente marcantes que tive no meu processo de leitora foi quando, no 7º ano do ensino fundamental, a professora de língua portuguesa realizou um projeto com os alunos, realizando a leitura do livro "A invenção de Hugo Cabret - Brian Selzn". O livro era de uma beleza exuberante! As ilustrações eram detalhadas e chamativas. Me lembro que ficávamos ansiosos para as aulas de língua portuguesa, com ansiedade de seguirmos com a leitura e descobrirmos mais um pedacinho da história.

Após minha formação em Letras, entrei em contato com a professora que realizou este projeto. Foi extremamente gratificante compartilhar com ela a importância desse projeto no meu desenvolvimento como professora.

Atualmente, minha experiência com a leitura segue intensa. Sempre busco novas leituras e conhecimento através de grandes escritores.

---

<sup>1</sup> maria.eduarda.pessoal8571@gmail.com

## Vai e Volta: Vida leitora

Marcilene Trovó<sup>1</sup>

Quando criança estudei até a quarta série numa escola rural, multisseriada, com poucos recursos. Nem sabia o que era uma biblioteca. Mas isso não podou as asas do meu espírito leitor. Fui alfabetizada em casa, aos 4 anos, pela minha prima, na época com 17 anos, que cursava o “Normal” e minha mãe que incentivava comprando gibis e revistinhas todas as vezes que ia até a cidade e em casa respondia a milhares de perguntas minhas de como escrevia banana, batata, abacaxi, cebola...

Meu primeiro romance foi “A ilha perdida”, trazido da cidade pela professora da 4ª série, um livro da coleção Vagalume para cada um dos 4 alunos que ainda resistiam ao êxodo rural. Foi o último ano que a escola funcionou.

Na quinta série fui estudar na cidade e conheci o paraíso: a biblioteca, claro! Nelcy é o nome da professora de Língua Portuguesa que incentivava muito a leitura, por obrigação nas provas mensais de livro, mas também por prazer nas leituras livres. Por muitos, era conhecida como uma carrasca, que reprovava, deixava alunos repetirem o ano por décimos, muito exigente, não admitia barulhos na sala, enfim, mas todos os dias chegava, fazia a chamada e então perguntava: “Alguém leu algum livro?” e anotava tudo em seu diário de classe. Às vezes

---

<sup>1</sup> marcilentrovo@professor.educacao.sp.gov.br

perguntava alguma coisa sobre os livros, para se certificar que líamos de verdade e não que copiávamos títulos dos colegas. E quem tinha coragem de apontar um título sem ter lido? Eu lia dois ou três por semana.

Gostava muito do Érico Veríssimo. Inclusive, um dos livros que mais me marcou foi dele, “Saga”, que não tinha na biblioteca, mas como eu já havia lido todos, estava na 8ª série, meu último ano na escola, ela gentilmente me ofereceu o dela, da sua coleção particular. Trouxe para mim de casa!!! Foi um marco na minha vida, tanto pela história narrada na guerra, como pelo respeito conquistado da “cruel” professora que eu até hoje admiro.

Minha vida de amante de livros se mantém, o que diminuiu foi a quantidade. O que antes eu lia em uma semana, agora leio em um ano. Na última década também mudei o gênero. Li muito para meu filho, diariamente antes dele dormir. Era nossa rotina prazerosa. Agora ele já lê sozinho os próprios livros e eu preciso melhorar nesse ponto pois trabalhando tanto na escola, sendo mãe, dona de casa, muitas noites não saio do primeiro parágrafo e a leitura fica para as férias. Mas procuro me redimir dessa falha incentivando os alunos a lerem. Eles estranham um pouco porque eu sou professora de matemática. Mas alguns pedem sugestões, pedem livros de presente e depois que saem da escola mandam mensagens de agradecimento pela diferença que fizemos na vida deles.

Esse é nosso maior pagamento.

## A leitura na minha vida

Marleide Aparecida Caiado<sup>1</sup>

Eu, Marleide, comecei a minha trajetória em casa com a minha mãe, ela me ensinou o alfabeto, escrever meu nome e sempre incentivando a leitura de gibis. Eu gostava de ler da turma da Mônica, porém por conta da dificuldade financeira da época tínhamos poucos, então lia os mesmos pra não perder o que já tinha aprendido. Isso antes de começar a ingressar na vida escolar.

Quando completei sete anos comecei na escola, continuava a ler gibis, a escola emprestava, a professora dava tarefas de leitura de livros infantis, assim fui desenvolvendo interesse e sempre estava lendo algo.

Minha mãe que acompanhou toda essa trajetória, tenho boas lembranças dela me ajudando nas tarefas, nós duas na mesa e eu aprendia fácil.

Na adolescência peguei mais gosto pela leitura de chegar a comprar livros ou ganhar, lia suspense e romance.

Minhas sobrinhas gostam muito de ler, com isso me incentivaram também, já na vida adulta o tempo diminui muito e acabei me afastando um pouco da leitura, piorou com essa era digital que vivenciamos no momento, mas

---

<sup>1</sup> marleidecaiado@hotmail.com

devido à profissão que escolhi, voltei, mas ainda leio pouco, preciso melhorar.

Hoje vivencio em sala de aula com meus alunos, relatos nas redes sociais, mas livro sem conteúdo de trabalho estou lendo pouco.

## **Caixinha de memória do coração!**

Patrícia André Scarpato<sup>1</sup>

Para mim, nossos encontros mensais estão sendo muito edificantes, estou aprendendo bastante para aprimorar meu modo de trabalho com os estudantes. Sou muito grata por toda equipe que conduz e traz os melhores materiais para refletirmos e compartilharmos nossas experiências nos encontros. Irei colocar em minha caixinha de memórias do coração as novas profissionais maravilhosas que estou conhecendo e as leituras iniciais que são fantásticas!

---

<sup>1</sup> [scarpato@prof.educacao.sp.gov.br](mailto:scarpato@prof.educacao.sp.gov.br)

Nathália Caroline Pariz Machado<sup>1</sup>

Este quadro me faz sempre refletir no porquê eu escolhi ser professora e em como a natureza da criança é esta de brincar, interagir e ser muito feliz. Como professores em sala de aula sempre ocorrem situações que nos levam a esperar das crianças um comportamento padronizado. Com esse quadro eu resgato a reflexão das individualidades, escolha e opções diferentes que cada criança precisa ter. Precisamos muito resgatar a natureza da infância, o brincar, o faz de conta, a alegria e a criatividade.

---

<sup>1</sup> nathaliapariz@prof.educacao.sp.gov.br

Minhas memórias sobre leitura na infância não tiveram como inspiração contadores ou livros encantadores.

A lembrança é de ansiedade para iniciar o primeiro ano e aprender a ler, não tive a oportunidade de passar pela educação infantil.

O primeiro contato foi com uma cartilha, Caminho Suave, um livro de histórias curtas, frases que hoje não fazem sentido, mas que na época... compreender o significado daquelas letras daria sentido à minha história.

Na adolescência, Arlete foi a professora que me influenciou e ensinou a viajar por meio da leitura, a vontade de conhecer o mundo era saciada por autores e títulos que me levassem para outras regiões, outros países até mesmo outros mundos. Jorge Amado e Júlio Verne deram início a essa aventura.

Hoje sou uma leitora que busca melhorar a cada dia, buscando fontes que me inspirem a inspirar os meus alunos e todos que de alguma forma eu possa alcançar.

---

<sup>1</sup> regianequeirozparra@gmail.com

## A leitura do livro “A bolsa amarela”

Patrícia Fernanda de Oliveira<sup>1</sup>

Minha turma naquele ano de 2018 era um 4º ano, em determinado momento resolvi que minha leitura inicial seria o livro A bolsa amarela de Lygia Bojunga. Como o livro é um pouco mais longo realizei a leitura por partes, todos os dias iniciava a aula com ele, não me recordo ao certo quanto tempo levei para finalizar, mas foram algumas semanas.

Os alunos foram se envolvendo cada vez mais com o livro, ficavam todos os dias muito ansiosos para ouvirem a leitura, se alguém faltava ficava atento para ouvir o resumo do dia anterior para retomarmos de onde paramos. Eles queriam é que eu lesse o livro todo de uma vez, fui firme, parava em momentos cruciais, justamente para causar mais curiosidade.

Quando finalizei a leitura, o livro que minha turma mais procurava na biblioteca era: A bolsa amarela. Esse foi só mais um dos muitos livros que li e despertei o interesse nos alunos para buscarem na biblioteca.

Eu fico simplesmente encantada em como minha profissão é capaz de transformar, ao final de cada ano letivo lembrar como eram nossos alunos e como eles estão é extraordinário!

---

<sup>1</sup> pfoliveira@prof.educacao.sp.gov.br

## Trajetória Leitora

Rodrigo Souza da Silva<sup>1</sup>

A chegada da leitura é assim, começa ainda quando uma criança no simples folhear dos gibis dos meus tios na casa da minha avó. Aí a gente vai percebendo como a leitura vai alimentando sonhos e transformando as nossas vidas, vai se percebendo leitor a cada dia.

Na Escola Municipal da periferia de Campinas, já no ensino fundamental, foi quando me deparei pela primeira vez, na biblioteca da escola, com prateleiras enormes e com poucos livros. Então folheava os livros infantis, escutando o incentivo da nossa querida professora: ali fui pego pelo despertar da leitura.

Na trajetória educacional, ensino médio e na graduação... no entrelace de tudo que foi despertado em relação à leitura, fui construindo e sempre curioso... Na verdade eu sempre fui um aluno e agora professor curioso e a consciência disso foi o amadurecer do meu próprio caminho, minha trajetória de formação com minha história profissional e vendo que minha história de vida estava sempre entrelaçada com minhas histórias de leitura. A compreensão e ajuste desse entendimento e da verdadeira essência de ser um leitor culmina com a importância de suspirar ao me recordar dos gibis na casa da minha saudosa vovozinha e da biblioteca do grupo

---

<sup>1</sup> rodrigossilva8@gmail.com

primário e poder despertar e incentivar a prática leitora nos meus alunos, amigos e familiares.

Portanto, percebi que a trajetória de vida e a trajetória leitora implica e muito na formação do caráter pessoal e profissional, pois vai sendo construída pelas marcas, pelas oportunidades oferecidas e na superação dos desafios, de como se constituiu e o que ainda possibilitará construir através do “mundo da leitura”.

## Meu percurso leitor

Rosângela Maria Rovigati Simões de Campos<sup>1</sup>

Falar sobre minha infância é recordar os bons tempos, onde não se tinha pressa, preocupação, ansiedade, éramos felizes e não sabíamos.

Pressa de aprender a ler tínhamos, mas brincar na rua e ter amigos era o mais importante.

Comecei a ler na minha primeira série com a cartilha Caminho Suave, não tínhamos dinheiro para comprar os livros e minha professora escrevia as lições da Cartilha Suave no Stencil e rodava no mimeografo. Lia as lições que cheiravam a álcool, lá eu entrava no mundo das letras e decorávamos as frases e palavras BA, CA, DA...

Quando estava na segunda série, conheci e me apaixonei pela poesia A BAILARINA de CECILA MEIRELES, talvez por ser o sonho de todas as meninas ser BAILARINA.

Outra lembrança marcante foram as aulas de português na sexta série, onde a professora realizava quinzenalmente o Jornal Falado, onde tínhamos que representar o Jornal Nacional com entrevistas, desfile de moda, propagandas etc.

---

<sup>1</sup> rovigati@prof.educacao.sp.gov.br

Não gostava de ler em voz alta, tinha vergonha, diferente de hoje em dia que adoro. Gosto de ler crônicas, livros de autoajuda, romances.

Uma coisa eu aprendi com tudo isso, que a base da leitura começa em casa e depois continua na escola com bons professores leitores.

## **Uma proposta de situação de leitura pelo aluno na alfabetização inicial**

Rita De Cassia Palma Pires<sup>1</sup>

Sou professora PEB I e atualmente atuo na coordenação pedagógica de uma escola na rede estadual de ensino, DER Campinas Leste.

Quando eu estava em sala de aula, trabalhando com os alunos do 1º ano, por exemplo, eu fiz o “caderno da leitura”.

Todos os dias eu sorteava um aluno para ser o ajudante do dia.

O aluno, ajudante do dia, levava para casa um livro, da sua escolha, mais o caderno da leitura para ler em casa a história, com a ajuda do adulto (na primeira página do caderno da leitura eu escrevi para o adulto as instruções necessárias para o desenvolvimento da atividade ressaltando a importância da criança desta idade em ler, mesmo sem saber ler).

Previamente eu organizava a caixa de livros com os títulos que considerava interessante, a fim de que tivessem acesso a diferentes gêneros textuais e a livros de diferentes tamanhos, cores, número de páginas, autores etc.

Depois da leitura, a criança deveria escrever, no caderno, o título da história, o seu nome e colocar a data para, em seguida, desenhar algo que gostou ou não da

---

<sup>1</sup> rpires@professor.educacao.sp.gov.br

história lida para, no dia seguinte, contar aos colegas sobre a leitura que fez e mostrar o seu desenho.

No momento da socialização, o estudante iria também explicar se faria uma indicação ou não do livro que leu.

O desenho ficava como um apoio no momento da socialização porque alguns alunos eram mais tímidos e, para não causar constrangimentos, eles apenas mostravam o desenho quando não queriam falar.

No decorrer do processo da alfabetização, conforme iam avançando em suas hipóteses de escrita e leitura, eu aumentava o desafio proposto no caderno da leitura (escrever o nome do título e dos personagens; depois, escrever o nome do título, dos personagens e uma frase sobre o desenho que havia feito da história até chegar numa ficha de indicação literária).

Para os alunos que já estavam alfabetizados logo no início do ano letivo, eu solicitava a ficha literária porque tinham autonomia e condições para preenchê-la (na ficha literária eles tinham que escrever o título do livro, nome do autor e do ilustrador, nome dos personagens, editora e um resumo da história lida explicando do que se tratava a história).

Os alunos gostavam dessa atividade porque achavam legal ficar na frente da sala de aula para falar sobre o seu livro e, aos poucos, iam perdendo a timidez no momento da socialização e eu atingia um dos meus objetivos que era o de construir com eles o ato de ler pelo prazer de ler e de ler para aprender algo.

A lembrança mais marcante das leituras da minha infância foi quando eu ganhei um livro do Peter Pan do meu pai, esse livro tinha uma ilustração bem colorida. Eu estava no terceiro ano, me lembro que ficava bastante tempo folheando aquele livro. As pessoas que me influenciaram para a leitura foram meu pai e a minha professora Neusa que me deu aula no terceiro e quarto ano, gostava muito dela.

Na escola onde estudei me lembro que todos os dias tinha uma leitura pela professora, as vivências que me aproximaram da leitura foram através de revistas em quadrinhos que sempre lia e hoje os livros de autoajuda, entre outros.

---

<sup>1</sup> rose\_herrero@hotmail.com

## Lembranças da minha alfabetização

Severinna Gomes<sup>1</sup>

Eu colocaria na minha caixinha de memórias desses quatro encontros o quanto o acolhimento é importante. Escutar meu aluno, deixar ele se expressar. E eu guardaria a reflexão da leitura como um hábito diário, literaturas interessantes, eu guardaria a Alfabetização como construção do conhecimento não somente na escola, mas para sua vida fora da escola também. Indicar bons livros e deixá-los livres para escolher sua leitura, fazendo assim com que meu aluno vá gostando e se interessando cada dia mais. E, claro, indicar boas leituras.

---

<sup>1</sup> severinnagomes35@gmail.com

## Hora da história

Silmara Dal Molin<sup>1</sup>

- Todo mundo pra cama.  
Hora da história. – dizia  
minha mãe.

Ela colocava na vitrolinha um disquinho verde ou amarelo ou azul, cada qual contendo uma historinha, pegava o braço da vitrola contendo uma agulha na ponta e colocava sobre o disco girando e, então, ouvia-se uma musiquinha e quando a música parava, escutava-se a voz do narrador e das personagens.



Eu ia acompanhando as falas no livrinho, ao meu lado meu irmão mais novo. Mostrava a ele em que parte estava a historinha. Nós nos encantávamos com as ilustrações das páginas. A Branca de Neve era branca como a neve e o Zangado tinha cara de zangado mesmo.



O Patinho Feio, Os Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, entre outras tantas histórias infantis foram as minhas companhias antes de dormir.

Na adolescência, mais uma vez ela, minha mãe: comprou para nós a coleção da Série Vagalume. Li todos: A Ilha Perdida, A Serra dos Dois

---

<sup>1</sup> molin@professor.educacao.sp.gov.br

Meninos, Tônico e Carneira, O Caso da Borboleta Atíria, O Escaravelho do Diabo, etc.

O problema foi que viciei na leitura e os afazeres de casa ficavam para depois. A pia com louça para lavar e eu querendo saber se alguém habitava a ilha perdida.

- Agora não é hora de ler não. Depois você lê, vá lavar a louça. – Falava brava minha mãe.

Eu ia, mas meus pensamentos estavam na ilha.



Quando eu estava na 8ª série, era série e não ano do Ensino Fundamental como hoje, li 8ª série C, amei. Outro livro inesquecível foi Pérola. Lia um livro por bimestre, na escola, e fazia uma prova sobre a leitura.

Na escola um por bimestre, porém em casa, idos dos anos 80 e 90, lia também Bianca, Sabrina, Julia, romance comprado em banca de jornal. A protagonista sempre sofria muito até conseguir ficar com o grande amor.

Não posso me esquecer de Agatha Christie que fazia sucesso com os casos misteriosos. Li vários e me surpreendia com cada desfecho.

Chegando a época da faculdade, escolhi o curso de Letras. Não sei o porquê. Será que deixei influenciar-me pelas leituras? Foram incontáveis os clássicos literários lidos. Que deleite! Os preferidos: Dom Casmurro e O Primo Basílio. Machado de Assis escreveu “Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro...”. Eu diria “tenha uma mãe e/ou uma professora que incentive a leitura, leia e, assim, se faz um leitor.”

Da minha infância eu tenho memórias de boas leituras. Eu recordo, com emoção, os momentos em que adormecia no colo de minha mãe ouvindo belas histórias.

Ela sempre nos presenteava com livrinhos que adorávamos folhear, interpretar as imagens e procurar descobrir os conteúdos. Minha mãe era educadora e os livros, sua principal ferramenta de trabalho. Tivemos então a oportunidade de ter contato com livros de conteúdos diversificados e a oportunidade de reconhecer a importância da leitura. Na escola, então, os cantinhos de leitura eram os preferidos.

A biblioteca escolar, o correio e as atividades de pesquisa foram estímulos ao hábito e prazer da leitura. Penso então que foram essas sementes que quando bem cultivadas nascem os bons leitores.

---

<sup>1</sup> [tatianaalineribeior@gmail.com](mailto:tatianaalineribeior@gmail.com)

## Minha família e a nossa trajetória de leitura

Simone Vedixosqui<sup>1</sup>

O sonho de mamãe, nos anos 40, era ser professora, porém estudou apenas até o 4º ano primário devido a dificuldades que meus avós passavam na época. Então, começou a trabalhar muito cedo para colaborar com as despesas da casa e apesar de não frequentar a escola, sempre que possível, retirava livros da biblioteca municipal e distraía-se com leituras de gêneros diversos. O tempo passou e quando adulta conheceu meu pai, apaixonado por literatura, apreciando livros em uma famosa livraria da cidade. Sua história era semelhante, ou seja, interrompeu os estudos para iniciar atividades laborais no intuito de ajudar a família que atravessava uma crise financeira, entretanto nunca desistiu da prática de leitura. Casaram-se, tiveram três filhos e nos embalavam, diariamente, com histórias encantadoras antes de dormirmos. Quando maiores, motivavam nossas tardes de domingo com boas leituras e, muitas vezes, nos incentivavam a interpretar as personagens das histórias, adorávamos fazer teatrinho, tínhamos até cenários e figurinos!

Na escola, tivemos dedicados e excelentes professores que nos inspiravam a conhecer as obras clássicas de escritores famosos da literatura. Meus irmãos, ao terminarem o Ensino Médio, seguiram as carreiras de

---

<sup>1</sup> [simonevedixosqui@professor.educacao.sp.gov.br](mailto:simonevedixosqui@professor.educacao.sp.gov.br)

músico e artista plástico e eu tornei-me professora de Língua Portuguesa, assim como minha mãe gostaria de ser. Ao longo desses 25 anos em sala de aula, sempre busquei estratégias e metodologias que pudessem contribuir para a formação de alunos leitores e despertar o gosto, o interesse e o prazer pela de leitura.

Hoje, meus pais não estão mais entre nós, contudo carregamos a lembrança e o legado da prática de leitura que nos beneficiou e nos impactou positivamente. Observamos que, por meio dela, desenvolvemos e estimulamos a atenção, a memória, o raciocínio e o senso crítico, aperfeiçoamos a comunicação oral e escrita, ampliamos vocabulário, desempenhamos melhor a interpretação de textos, aprimoramos a capacidade de argumentação e expandimos a criatividade.

## História Do Pinóquio

Viviane Paula Martins<sup>1</sup>

Todos os dias realizamos leitura em sala de aula, e cada dia um aluno traz um livro para ser compartilhado com os colegas.

Em um dia da semana um dos alunos trouxe um livro com muitas páginas, que combinamos que iríamos ler apenas um capítulo por ser um livro extenso.

Comecei a leitura e percebi o quanto esse momento é tão importante na vida dos nossos alunos. Momentos esses que os instigam a usar sua imaginação, os levando a outro mundo.

Pude ver os olhares curiosos, os risos por ter entendido a piada, e nesse momento compreendi que o momento da leitura não deve ser por obrigação, que esse momento pode ser por diversão, por curiosidade, levando esse aluno a ser um aluno leitor por sentir gosto pela leitura e pelo ler.

Esse foi um dos dias marcantes tanto para mim e acredito que também para meus alunos, que afinal não paramos apenas em um capítulo do livro do Pinóquio.

---

<sup>1</sup> viviannepaola151@gmail.com

## Fome

Tatiane Gonçalves Rodrigues<sup>1</sup>

Primeiro eram colheradas, como um remédio que provando percebi ser docinho e que eu adorava a hora de tomar.

Depois foi uma sopa, ainda de colheradas, mas com um prato cheio de letrinhas de-li-ci-o-sas!

Depois a fome foi aumentando e percebi que ela não tinha fim!

Eu comia os rótulos do achocolatado enquanto tomava café da manhã, levava um livro de casa e passava alguns recreios me deliciando com algo diferente da merenda da escola.

Eu nem sabia que tinha essa fome!

Enquanto crescia, a fome crescia comigo e os livros é que foram engordando...

Lembro de fazer os olhos apostarem uma corrida quem chegava primeiro ao fim da página, o olho direito ou o esquerdo, no fim quem ganhava era eu que, consumindo tantas vitaminas, acabei virando professora.

---

<sup>1</sup> [tatianegoncalves@prof.educacao.sp.gov.br](mailto:tatianegoncalves@prof.educacao.sp.gov.br)

# Trilha de Escrita

## O processo de escrita sempre será sobre nós mesmos

Ana Carolina Borolotti<sup>1</sup>

“Como foi a sua experiência escolar com relação à escrita?”

Essa pergunta, realizada no 5º encontro do “curso de alfabetização como direito da criança e do adolescente”, fez-me reviver várias emoções intensas. Isso porque uma dessas experiências resultou de um fato que eu sequer poderia lembrar sem a ajuda da minha mãe. Indagada sobre esse processo de escrita na minha infância ela pôs-se a falar: “Então filha, não sei se você se lembra da letra “C”.... a letrinha causadora de muito choro e de um caderno rasgado...”.

Após a fala dela lembrei-me perfeitamente de um episódio em que eu estava tentando praticar a escrita da letra “C” com a metodologia das “ondinhas” (da tia da pré-escola), de modo que, uma mesma letra “C” (emendada na seguinte infinitamente) iniciava o processo de formação de um desenho parecido com ondas do mar e, de forma lúdica, o processo de escrita.

Embora eu tenha passado por algumas situações desafiadoras (pois conforme os dizeres da minha mãe eu

---

<sup>1</sup> acbbortolotti@gmail.com.

não era menina que aceitava errar e, por isso, apagava tudo até rasgar o caderno, literalmente), julgo que criei uma boa relação com a escrita. Não uma relação de amizade baseada no interesse, mas uma relação alicerçada no prazer e na honestidade.

Tenho a consciência de que, apesar de verdadeiramente gostar de escrever, ainda preciso aprender muito sobre o processo de escrita, principalmente para atender à norma padrão nas minhas produções. Como toda "boa pessoa prolixa" tenho dificuldade em expressar-me utilizando poucas palavras.

Outro fato curioso é que, embora a poesia nunca tenha sido minha paixão, tenho a impressão de que tudo o que ousou escrever sempre soa poético demais.

Na minha adolescência o tempo livre era totalmente dedicado à leitura (obras literárias e não literárias). Nessa época, coincidentemente, acabei criando o hábito de escrever meus pensamentos e sentimentos em um caderno. Infelizmente, com as novas demandas da vida adulta, acabei abandonando essa prática sem perceber.

Como bem parafraseado no nosso encontro: "O passado é uma criação do presente...". Após pensar bastante sobre o assunto ousou reescrever essa frase da seguinte forma (desculpe-me Quintana!):

O passado é uma criação do presente, mas uma invenção extremamente útil a fim de que jamais nos esqueçamos de quem nunca deixamos de ser quando chegarmos ao tão esperado futuro.

Minha experiência escolar com a escrita inicialmente não foi boa. Entrei na escola na 1ª série acreditando que nunca ia aprender a ler e escrever. Tinha uma professora muito brava que batia com a régua na mesa e me assustava. Por muito tempo minha mente apagou o nome dela da minha memória. Minha mãe me ajudou a lembrar seu nome: Dona Diva. Depois de alfabetizada, fui desenvolvendo minha escrita e, como era muito criativa tinha facilidade em escrever as propostas de redação da escola.

Hoje, a minha relação com a escrita é tranquila. Faz parte do meu dia a dia no meu trabalho enquanto professora e formadora. E sinto muito orgulho porque tenho uma filha de 15 anos que aos 12 iniciou sua vida como leitora, hoje tem sua própria biblioteca e por causa dessa experiência, gosta muito de escrever e tem uma ótima relação com a escrita.

---

<sup>1</sup> [cintia.basseto@yahoo.com](mailto:cintia.basseto@yahoo.com)

A minha experiência escolar com a escrita foi sofrida no início dos primeiros anos, tudo era novidade como acontece até nos dias de hoje com as nossas crianças.

Tive altos e baixos com a escrita só que nunca desisti de escrever. A escrita é realizada quando lemos porque através das leituras criamos as nossas imaginações. Só que muitas vezes a leitura não fazia parte do meu cotidiano e isso dificultou um pouco. Mas mesmo assim, nunca deixei de realizar as minhas escritas mesmo quando tinha e trazia comigo as minhas dificuldades. Com o passar do tempo isso foi sendo trabalhado e sanado e as dificuldades com a escrita foram se rompendo. Hoje realizo as minhas escritas, entendendo que cada dia tenho que fazer melhor, a leitura e a escrita caminham juntas e isso se torna primordial para o cotidiano de todas as pessoas e profissões.

---

<sup>1</sup> elianarodrigues2rp@gmail.com

## Memória

Joaquina Gomes<sup>1</sup>

As experiências com a escrita foram um pouco difíceis nos meus primeiros anos escolares, pois tínhamos que aprender a ler e a escrever decorando o alfabeto e as sílabas no silabário. E depois que decorava formaria palavras e frases, daí iniciava-se a leitura em textos nas velhas cartilhas, “Suave” caminho de alfabetização. Isso ocorreu quando morávamos no povoado do interior da Cidade de Altos - PI.

A professora era muito brava, colocava uma leitura de pequeno texto, que era feita em sala de aula, diretamente na sua mesa, e quem não conseguia ler corretamente o texto, ela colocava no castigo com a cartilha na mão para treinar a leitura e ler novamente com ela.

No dia seguinte era cobrada novamente a leitura do texto, todos os alunos ficavam com medo do castigo, lembro-me que eu fazia o impossível para decorar o texto inteiro só com medo de ficar no castigo. Ainda lembro também da velha palmatória que a professora usava para nos castigar, não cheguei a levar palmatória, mas vi a professora fazendo com os colegas de sala.

O castigo da palmatória carregou até hoje em minha memória, e assim como o castigo de ficar de joelho também, virado de costa para os colegas e a professora e

---

<sup>1</sup> joquinaprof2021@gmail.com

de frente para a parede da sala de aula. Fiquei pouco tempo naquela escola, mas o trauma ficou permanecido em minha mente de trinta e cinco anos atrás.

Mas, tempo depois o meu querido paizinho (in memória) resolveu ir morar na cidade para nos colocar em uma escola nova e melhor, pois a escola da cidade era diferente, pelos menos não se usava mais a tal palmatória. Era uma escola legal, os professores eram acolhedores.

Logo comecei outra rotina de estudo, na qual as professoras eram melhores com novas metodologias de ensino e didáticas diferenciadas para com o aluno e fui aprimorando os meus estudos a cada dia que passava com um objetivo de fazer o vestibular e conseguir me formar.

Tive algumas dificuldades em algumas disciplinas como a língua portuguesa na hora que iria realizar produções textuais, mas tive ótimas professoras que dedicaram um pouco de suas horas para ajudar-me nas correções gramaticais, pontuações, dentre outros. Na matemática foi quando cheguei no ensino médio com aquelas equações do 2º grau, dentre outras, mas com bastante esforço consegui terminar o ensino médio e não fiquei nem um ano em reprovação.

E depois consegui o meu objetivo de aprovação no vestibular no curso de pedagogia e hoje estou aqui reescrevendo as minhas lembranças de memória diante de algumas dificuldades que passei e superei e hoje procuro sempre atualizar-me e aprimorar meus conhecimentos para poder desenvolver-me diante de novas aprendizagens.

Hoje, olho para trás e vejo que valeu a pena tanto esforço e dedicação para com a leitura e escrita, pois ambas sempre estão presentes em nosso cotidiano, pois vivemos em sociedade letrada, em constante transformação.

E assim, procuro sempre atualizar-me diante de tantas mudanças em nossa sociedade, principalmente com relação a nossa profissão, pois temos que ficar sempre atualizadas para acompanhar o ritmo das transformações do processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido de maneira eficaz.

## Memórias de alfabetização

Angélica Lima<sup>1</sup>

Como foi sua experiência escolar com relação à escrita?

Minha experiência escolar em relação com a escrita foi com as famosas cartilhas Caminho Suave, me lembro de pequenas produções de texto que a Professora pedia para realizarmos. Minha relação com a escrita foi tranquila, faz parte do meu dia a dia na escola, nos cursos, nos concursos.

A escrita é uma forma vital de comunicação que nos permite expressar ideias, transmitir informações, compartilhar conhecimento e interagir com os outros. Ferramenta poderosa para a expressão criativa e para preservar a cultura e a história. Podemos usar para informar, persuadir, educar, entreter, refletir, documentar, entre outros propósitos.

É essencial adaptar a escrita de acordo com o contexto para garantir que a mensagem atenda às necessidades e expectativas do público.

---

<sup>1</sup> angelicapereiralima@prof.educacao.sp.gov.br

## Memórias de alfabetização: Infância

Tárcia Costa<sup>1</sup>

Minhas recordações sobre meu processo de aquisição da escrita não foram tão tranquilas, nem prazerosas. Fui uma aluna com muitas dificuldades, muito distraída, sempre no mundo da lua, como diziam antigamente. Mas sempre gostei de estar na escola, o ambiente me fascinava e de alguma forma já sabia que lá era o meu lugar.

Mas, infelizmente, com todas as minhas dificuldades, acabei caindo na sala de uma professora muito severa, que me constrangia na frente de todos e isso atrasou ainda mais meu processo de aprendizagem, me deixando insegura e com muita dificuldade de me expor oralmente. Foram longos dias, meses e anos em uma busca incansável por aceitação, do quê? Nunca soube, apenas entendi que tudo o que eu fizesse, não seria o bastante para ela. Os anos se passaram e logo vieram novos educadores que me acolheram, me ensinaram e me mostraram o quanto eu pertencia a tudo aquilo. Me formei e para minha surpresa, minha mãe me matriculou no magistério. Lá conheci o real papel de um educador, me dediquei, me tornei protagonista da minha história, até que enfim! Fui a aluna que mais leu livros durante o magistério, cresci, me encantei, saí da minha zona de conforto, que de conforto não tinha nada! Tudo que

---

<sup>1</sup> tarciacsantos@gmail.com

passei, não foi capaz de parar os meus sonhos e continuo lutando, todos os dias quando acordo, para ser cada dia melhor como pessoa e como profissional.

Hoje, como educadora, entendo o real significado de cada palavra que falamos aos nossos alunos. Como a palavra tem o poder tanto de construir como o de destruir. Procuro olhar meus alunos com mais empatia e cuidado, sei o quanto temos um papel fundamental para a vida das crianças e da sociedade.

O passado é uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima. A memória tem uma bela caixa de lápis de cor. (Mário Quintana, 1997).

Pensar nas minhas primeiras experiências de escrita, me transportou para dias de chuva, sentada em uma cadeira em que meus pés quase não tocavam o chão. Me lembro de ter um caderno encapado com papel colorido e um plástico. Usava entre as folhas, uma capa de papelão recortada cuidadosamente pela minha mãe, após usar todo sabão em pó da caixinha. Eu gostava do cheirinho desse papel durinho que, de acordo com a minha mãe, não deixaria minha letra marcar o papel de trás do meu caderno. Agora, estou usando um lápis e fazendo com muito capricho risquinhos, no formato da chuva que cai lá fora, assim:

////////////////////////////////////

Sigo a orientação de fazer esse risquinho nesse formato por algumas linhas do caderno.

////////////////////////////////////  
////////////////////////////////////  
////////////////////////////////////  
////////////////////////////////////  
////////////////////////////////////

“Agora, alunos, começou a chover do outro lado, façam mais cinco linhas do risquinho”, “assim ó”,

---

<sup>1</sup> thalitajordao@professor.educacao.sp.gov.br



“A casa de Pedro era pequena”. Na minha sala não tinha nenhum Pedro, aí ficava imaginando o Seu Pedro, que trabalhava com o meu avô, e imaginando como era a casa dele... Quando voltava para o que estava fazendo, estava terminando e sentia um certo orgulho por já saber escrever em letra cursiva e não precisar tanto do apoio da professora. Ela me elogiava por isso e reforçava o quanto era caprichosa e como era bonito meu caderno. “Olhem, classe, que capricho! um caderno encapado, com letra de mão e sem rabisco! Muito bem! Vou colocar aqui um “Visto ótimo”.

Eu adorava ganhar o Visto ótimo! Ela desenhava uma letra V em letra cursiva bem grande, fazia um risco embaixo e escrevia ótimo.

Eu me sentia orgulhosa e, claro, chegava em casa e mostrava para minha mãe que era professora e que também trabalhava nessa escola, e que era amiga da minha professora. Eu sempre me lembrava disso, pois quando esquecia, a professora dizia: “Hm, Thalita Jordão?! Você é a filha da Cristina? Irmã da Thais? Dei aula para o seu irmão Thiago!”; “Hmmm, seus irmãos são excelentes alunos, você também será. né?!”. Portanto, eu fui boa aluna e, claro, queria ser professora.

De tarde, então, eu brincava de ser professora com meus cachorrinhos. Escrevia na lousa: “Rio Claro, 02 de abril de 1996. EEPSP João Batista Leme. A Casa de Pedro é pequena. Façam os números de 0 à 100” . Muitas vezes, pegava na patinha dos meus cachorros e os ajudava a escrever bem arredondado as palavras e os números. E fazia por eles até o fim, para eu poder dar um “Visto ótimo” ao final.

Era um pouco difícil quando tinha lição de casa em que não precisava copiar algo. Pois aí eu precisava da ajuda da minha mãe se fosse português e do meu pai, se fosse matemática. E aí, eu chorava! Pois não era sempre que eu entendia o que ele me explicava. O que era simples para ele...era tão difícil para mim! Eu ficava exausta! Aí, minha mãe intercedia e vinha com lápis colorido, laranjas, quadradinhos, enfim, o que pudesse para tentar materializar as questões problemas que estavam ali escritas e tentar solucionar. Eu sabia fazer as contas, mas o raciocínio para montar é que era difícil!

Como eu sabia copiar muito bem, o calo no meu dedo estava bem crescido. Tinha uma letra tão bonita e copiava tão rápido, que os professores sempre me pediam para escrever a lição na lousa para eles. Eu adorava! Escrever lição em uma lousa de verdade, com giz de verdade e alunos de verdade! Era muito legal! Meu sonho era ter um guarda pó e usar óculos...

Difícil era elaborar respostas longas. Eu copiava trechos do livro didático. Pegava uma frase aqui, outra ali e montava uma resposta bem grande. Assim, eu ganhava "Visto ótimo".

Eu tinha diário nessa época, mas não escrevia com medo da minha mãe ler.

Escrever era sofrido para mim. Quando eu escrevia algo, minha professora de língua portuguesa dizia "faltou coerência... faltou coesão..." Eu fazia uma pergunta tímida para entender como melhorar, mas aí ela se voltava para os erros ortográficos que ela tinha apontado em vermelho e finaliza a mentoria pedindo para eu reescrever. Eu fiquei um tempo tentando fazer isso, mas

acabei copiando o texto de novo com as correções ortográficas. Ia sem coerência e coesão mesmo.

De maneira geral, escrevia o que esperavam, sem muito tempero. Era algo bem status quo. Confesso que sentia certa náusea quando, na faculdade, precisava elaborar um artigo ou escrever um projeto. Teve vezes que me vi pedir para minha irmã fazer isso por mim, já que ela era doutoranda e recebia bolsa Fapesp. Ela sim sabia escrever, pensava eu.

Escrever o que me acontecia como um ato para compreender minha existência só aconteceu em poucos momentos no ensino médio (redação: como você se imagina daqui dez anos?) e na vida adulta, talvez com meus vinte e sete anos, quando uma professora na pós graduação nos desafiou a escrever o que nos acontecia quando líamos um texto. Esse convite fez muito sentido para mim, e desde então, a escrita se tornou um espaço seguro e potente para minha expressão no mundo. Hoje gosto de escrever! Me sinto bem quando escrevo e não é raro quando meu companheiro me pede ajuda para escrever algo, pois, segundo ele, “escrevo bem”. Eu também acho, pois hoje apenas escrevo o que gosto e quero. E quando preciso, tento fazer de forma que seja significativa para mim. Senão, nada escrevo.

## Trilhando o Alfabeto: Uma Jornada de Aprendizado e Inspiração

Ilaida Regina Araújo Dorigom<sup>1</sup>

Sou a caçula da família, minha irmã mais velha foi quem me ensinou o “be-a-bá” com um joguinho de letras móveis de madeira. Lembro-me de querer escrever meu nome na contracapa de algum livro da estante de casa, mas fiquei frustrada porque até então só havia aprendido as letras em bastão, e eu entendia que a letra bonita era a cursiva. Então pedi para minha irmã escrever para mim, ao que ela respondeu que também se escrevia com letra de forma e que eu mesma seria capaz de escrever. Todas as escritas que eu via em casa eram com letra cursiva e queria ser capaz de escrever dessa maneira. Eu pensava que letra bastão era apenas para iniciantes.

Já no ano seguinte me lembro de estar na escola. A professora havia escrito no chão da sala de aula, usando um giz, a letra “a”, minúscula, cursiva, e cada aluno, um por vez, deveria andar sobre o traçado. Nós andávamos e a professora falava: “Olha só a letra “a”, que linda! Parece uma menina com os cabelos viradinhos na ponta!” Voltávamos para a carteira e escrevíamos a letra “a” cursiva, infinitas vezes no caderno. Tempo feliz!

Hoje, como professora, percebo minha escrita como uma modelagem para as crianças, demonstrando como

---

<sup>1</sup> idorigom@gmail.com

formar letras, palavras e frases, estimulando os alunos a escreverem suas próprias histórias ao desenvolver habilidades de expressão escrita. Fora dos muros da escola não sou de escrever. Já houve um tempo em que escrevia diariamente em um diário... coisas da adolescência que ficaram para trás... acho que publicações em redes sociais não contam, né? Ops! Essa é a minha 5ª escrita de Memórias! Talvez pouco para um semestre, mas é um momento de escrita. Quem sabe não recomeço um diário?

## Minha trajetória e aventura na escrita

Mirian Nascimento<sup>1</sup>

Bom, minha experiência com a escrita foi tranquila, pelo menos eu não lembro nada traumatizante na minha infância. Lembro que aprendi a escrita com o livro ou cartilha Caminho Suave, e posso dizer que foi suave (rindo de nervoso), foi rápido e acredito que o que mais demorou foi a leitura e decodificar as sílabas e etc.

No geral que eu lembro foi uma transição suave, agora a minha relação com a escrita é diária devido a minha ou nossa profissão de professores, mas creio que como lemos muito, a tendência é escrever melhor e conseguir comunicar o que queremos, informar ou transmitir às pessoas, empresas, revistas, cartas e etc... Creio que é desafiante tanto pra alunos como para nós, professores.

Sim, a escrita faz parte do meu dia a dia na sala de aula, inclusive, sempre busco ensinar as três formas de letras, para que os alunos sintam facilidade em ler os diversos textos e gêneros com escritas cursivas, de imprensa ou bastão. Assim eles ficam familiarizados com as diversas formas da escrita.

Os momentos são variados, pode ser escrita de uma carta, como eles já realizaram esse ano ao escreverem para o grupo Maurício de Sousa e terem a experiência de receber sua resposta numa carta, ficaram muito

---

<sup>1</sup> nascimentomirian1977@gmail.com

emocionados e amaram escrever cartas. Agora querem escrever para toda empresa, kkkkk com segundas intenções , é claro, rrsrrsrs, mas o importante é que aguçou o lado da escrita e como eles podem se identificar, questionar, elogiar e etc..através da escrita. Por isso, ao ver o vídeo, me identifiquei com a professora que usou o artigo e a revista para que os alunos escrevessem e ficassem mais estimulados para escrever.

Quanto ao texto do autor Geraldí, realmente ele faz pensar sobre o que vale mais, em termos da escrita, o uso das colocações, produções coloquiais e etc...ou conseguir passar sua história aos outros leitores? Achei que avaliar engloba tudo isso, mas que temos que checar o que o aluno conseguiu escrever, do ponto de entendimento, da importância de comunicar o que deseja, “função aluno que escreve e função professor que avalia”.

Não é fácil avaliar, precisamos de muita prática, em especial, uma visão do aluno como um ser global e cheio de conhecimentos prévios e que ao longo da inserção no mundo letrado ele passa a entender a forma como comunicar-se e seus vários atributos para ser entendido e se fazer no mundo.

Assim encerro aqui minha grande e atrasada narrativa sobre avaliar a escrita e oportunizar momentos de aprendizagem aos educandos e educadores deste século cheio de recursos que ora podem ajudar e ora podem confundir. Será?

Meu nome é Nelcir, sou Coordenador de Gestão Pedagógica da Escola Consuelo Freire Brandão. Meu processo de alfabetização se deu no estado de Minas Gerais no município de Belo Horizonte. Me lembro que, quando minha mãe me matriculou na escola, minha maior paixão eram as histórias que a professora contava. Ficávamos sentados no pátio que ficava localizado ao lado da igreja onde ficava a turma do “pré”.

Na adolescência me lembro de ter muito medo da professora do 5º ano, pois, além de ser uma pessoa muito séria e brava, ela cobrava um valor, pelo qual minha família na época não tinha condições de pagar, por uma apostila com diversos textos. Me lembro que era gigante e do medo que eu tinha quando não conseguia ler todo o texto solicitado da semana. Já no ensino médio me lembro de uma professora, a Silvia, que dava o conteúdo de Didática no curso de Magistério, ela sempre nos fazia escolher uma história infantojuvenil para encenar e depois criar uma outra pensando nos elementos dos contos escolhidos. Foi neste momento que comecei a fazer cursos de contação de história e leitura dramatizada.

Na faculdade tive quatro professoras maravilhosas que sempre nos traziam propostas de trabalhos direcionadas para a leitura e escrita criativa.

---

<sup>1</sup>silva.nelcir@gmail.com

Hoje tenho pouco tempo para leitura por lazer devido à grande demanda pessoal e profissional.

Aurora da minha vida...

Minha relação com a escrita deu-se primeiramente em casa, através dos diversos livros que minha irmã Luciana utilizava no ensino médio. E eu, com meus 4 ou 5 anos de idade, enchia um caderno brochurinha com garatujas e imaginava ser escritora e minha mãe me apoiava e dizia que estava melhorando sempre...ela que mal terminou o primário...

Aprendi a ler e escrever em meados de 1991 na antiga 1ª série com a professora Luciane e lembro bem do vestido amarelo que ela usava no primeiro dia de aula. Meu pai me levou pela mão. Ao fechar os olhos hoje ainda sinto o calor da sua mão calejada segurando a minha...ele que mal terminou o primário.... Hoje já não o tenho mais fisicamente, mas as lembranças estão mais vivas do que nunca. Ele me sentou e me explicou que deveria me comportar, pois ali se iniciava o meu futuro. Na escola eram feitas rodas de conversas, leitura compartilhada, leituras ao ar livre e a leitura era incentivada diariamente pelos professores.

Lembro-me claramente do sentimento de viajar sem sair do lugar ao ler a obra de Gonçalves Dias, o poema Marabá. Eu lembro do cheiro do livro! E acredito que foi um divisor de águas, mesmo que eu não tenha feito a interpretação em si, aquelas palavras me fizeram viajar ao

---

<sup>1</sup> maryps2003@gmail.com

tempo dos meus ancestrais indígenas, minha bisavó que minha mãe não conheceu e cuja estória é recontada de maneiras diferentes por cada membro da família.

Hoje, minha relação com a leitura me leva a lugares desconhecidos, descobri o prazer de ler para meu conhecimento e deleite, ler para os meus alunos e para minhas filhas...e minha relação com a escrita me faz registrar em cada palavra um sentimento diferente...a vontade de ser melhor a cada dia, por mim, por meu pai, pela professora Luciane, pela minha irmã Luciana, pela minha mãe e por todos os estudantes que perpassaram pela minha vida.

Refletindo sobre o processo de escrita e o artigo aqui lido penso que o processo como um todo deve ser levado em consideração. Muitas vezes estudantes demonstram possuir a escrita, porém apenas decodificam, não possuem criatividade e articulação das ideias.

Nesses casos, geralmente o processo criativo é muito limitado, porém, como o próprio artigo diz, eles entenderam o jogo da escola.

Os dois textos que apresentei na atividade anterior, pertencem a crianças bem diferentes. A primeira possui uma excelente articulação das palavras, bem como uma mente criativa e inventiva. Já a segunda apresenta uma apatia em sala de aula, possui a articulação da escrita e é criativa, mas devido a uma dificuldade no processamento auditivo central as produções ficam prejudicadas, porém pode-se observar que ela articula sua história com começo, meio e fim.

Me lembro do tempo em que fui alfabetizada através da Caminho Suave, aprendi o jogo da escola, mas a minha criatividade era um pouco limitada. Foi sofrido.

Meu primeiro ditado, eu escrevi tudo o que a professora disse, literalmente. Incluindo os pontos, as vírgulas, na outra linha, parágrafo.

Minha passagem pelo ensino fundamental foi bem sofrida, sofria bullying na escola, apanhava de algumas

---

<sup>1</sup> grasidamasena@gmail.com

crianças, por isso eu bloqueei algumas memórias dessa fase. Eu só me recordo de conhecer a professora Elza no 6º ano e, com ela, eu encontrei a doçura das palavras e o carinho no ensinar. É nela que eu me inspiro para construir minhas aulas e reflexões com os meus estudantes.

## Memórias de Escrita

Luciana Carla da Costa Flauzino<sup>1</sup>

Na minha infância, por ter sido criada na escola, já que minha mãe era funcionária de uma, os livros me rodearam, acolheram, foram minha companhia em longas tardes. Consequentemente, sempre escrevi com desenvoltura. Quando precisei me expressar de maneira escrita, não enfrentei problemas. Por ser professora de português tenho contato com a escrita a todo momento, seja produzindo ou sugerindo melhorias nos textos dos meus alunos. Isso estimula a todo tempo meu raciocínio, pois além de entender o pensamento do aluno ainda tenho que fazer com que ele aprimore a escrita.

Traçando um diálogo com o texto, acredito que nos anos iniciais existe mais o estímulo criativo. Nos anos finais, a preocupação já é com o gênero, se ele é capaz de se expressar dentro do “molde” que propomos. Sei que é um desafio. Nas minhas aulas procuro trabalhar a escrita com finalidade, e alguns projetos de escrita, como a EPTV na escola, nos ajuda, pois com isso o aluno vê uma finalidade, um propósito e não apenas uma escrita vazia.

É sempre bom ressaltar que, assim como no texto de Walter, é necessário estimular primeiro a criatividade e o repertório cultural que esse aluno possui. Sempre lembro que o repertório não se encontra apenas nos livros, mas

---

<sup>1</sup> lucianaflauzino17@gmail.com

em tudo aquilo que tocamos: músicas, filmes, revistas...  
Depois vem a adequação ao gênero e às correções  
ortográficas.

Eu me lembro que fui alfabetizada entre a primeira e segunda série dos anos iniciais, pela professora Cacilda. Nunca vou esquecer o nome dela porque era o nome da personagem da Cláudia Jimenez na escolinha do professor Raimundo e eu achava muito engraçado. A recordação que tenho desse período é que no começo eu tinha um pouco de dificuldade, mas não sei ao certo quais eram, mas lembro que a professora me dava reforço escolar, e depois de um tempo me recordo que avancei rapidamente, e nunca mais precisei fazer reforço ou recuperação. Não foi um período sofrido, não tenho memórias ruins desta época. Outro fato é que eu escrevia devagar, demorava um pouco mais que os coleguinhas, e a professora percebeu que eu tinha problema na visão, orientou minha mãe a procurar um oftalmologista e descobriram que eu quase não enxergava de longe. Usei óculos por um tempo e corrigi totalmente a visão, não sei se foram os óculos ou foi um milagre de Deus, por piedade da minha mãe que tinha que comprar óculos toda semana, porque eu quebrava correndo e brincando. Mas o importante é que até hoje não preciso mais usar óculos.

Essas são as memórias do tempo de alfabetização na minha infância. Hoje a escrita faz parte do meu dia a dia, em quase todos os momentos, é algo imprescindível para o dia a dia na escola.

---

<sup>1</sup> patymig13@gmail.com

## Boas recordações

Ana Maria Pereira Alves<sup>1</sup>

Minhas lembranças em relação à escrita e produção são muito boas. Sempre gostei muito de escrever quando estava na escola. Até hoje me lembro da professora Odete, do meu segundo ano em 1989. Ela solicitava redações semanais. Escrever e criar histórias de coisas que ficavam em minha imaginação era como se tornassem realidade. Todos os meus sonhos. Eu sempre era escolhida para ler minhas redações e no meio do ano entrou a Elaine, uma aluna nova, que escrevia melhor do que eu (risos) e começou a ser escolhida na hora das leituras. Isso me estimulou a melhorar as escritas e consegui voltar a ser a 'melhor da turma' em redações. Sei que ao mesmo tempo que me estimulava, essa competição desmotivava outros.

---

<sup>1</sup> ana.malves019@gmail.com

Minha relação com a escrita foi algo doloroso, não aconteceu de uma forma tranquila e muito menos natural. A pressão deixou marcas e me recordo dos finais de semanas chorando com o lápis e o caderno na mão, a vontade de aprender se misturava com o medo de errar.

Essa experiência passou de medo para orgulho, me lembro da primeira palavra que me fora ditada: “banana” e eu, um pouco insegura, consegui escrever. A felicidade foi expressa com um lindo sorriso.

Hoje em dia, quem diria, a escrita faz parte da minha vida de uma forma leve, fui escolhida por essa profissão que me presenteia todos os dias com uma nova experiência.

---

<sup>1</sup> vanialucia101315@gmail.com

# Experiências docentes

## Minha caixinha de Memórias

Adriana Aparecida Vieira da Silva<sup>1</sup>

Fazer parte desse grupo de cursistas está sendo um privilégio. Embora se apresente em uma estrutura sucinta “de poucos encontros”, estamos sendo compensadas com o desenvolvimento de conteúdos de qualidade, momentos de trocas de aprendizagens em um ambiente muito agradável, com muitas reflexões sobre nossa prática.

Ao final de cada encontro, procuro trazer para minha prática no trabalho as dicas, as trocas de experiências e as orientações desenvolvidas no grupo, tendo como intuito experimentar e vivenciar na prática os compartilhamentos trazidos.

Vou deixar em minha caixinha de memórias algumas aprendizagens compartilhadas em nosso grupo de estudos.

No primeiro encontro quero enfatizar a maravilhosa acolhida de nossas formadoras Rose e Nat que com muito carinho e organização nos receberam.

Encantei-me com a escolha e apresentação da história do escritor Daniel Munduruku e a condução de desenvolvimento dessa dinâmica.

---

<sup>1</sup> [adriana.silva71@educacao.sp.gov.br](mailto:adriana.silva71@educacao.sp.gov.br)

No segundo encontro me emocionei com a apresentação e leitura do livro “O menino que escrevia versos”, ele gostava de representar o que sentia e pensava por meio da escrita.

No terceiro encontro, as dicas do vídeo do Projeto de Alfabetização foram excelentes oportunidades para ampliar o repertório de ações que já utilizamos em nosso cotidiano, o vídeo apresentou ótimas dicas .

No quarto encontro foi contagiante e reflexivo o relato da professora Juliana que, com muito carinho, compartilhou conosco sua experiência de incentivo à leitura em sua sala.

Foi lindo e empolgante conhecer a história de como seu amor pela leitura influenciou na escolha difícil de sua aluna, onde o pai lhe deu a escolha entre uma festa de comemoração de aniversário ou ser presenteada com um livro de sua escolha. E a aluna optou por ganhar um livro.

Esses são os meus tesouros!!!

## **Impacto do projeto Atitude Educação para professores e aluno**

Francislene de Fátima Naves<sup>1</sup>

Com o intuito de melhorar o ensino de Língua Portuguesa e fomentar a leitura dos diferentes gêneros textuais, encontrei no projeto “Atitude Educação” uma chance de alcançar estes objetivos junto aos alunos, além de visualizar, no mesmo, meios para estimular atitudes protagonistas.

O projeto partiu das aulas de leitura em sala (levando as obras até os alunos) ou íamos à sala de leitura. Meu 7º ano sempre se mostrou muito curioso e eu, partindo da sinopse de “E não sobrou nenhum”, de Ágatha Christie, disse que anunciaria um projeto na próxima aula e que eles precisavam pensar em um lugar da escola que gostariam de melhorar, pois o concurso oferecia um valor em dinheiro para transformar esse espaço escolhido por eles.

Naquela ocasião, estava lendo o livro “De onde vêm as boas ideias” de Steven Johnson e uma das reflexões que analisei e me fizeram acreditar ainda mais no projeto e em tudo que ele podia nos proporcionar foi a de que uma ideia pode surgir de uma mente, mas para que ela amadureça e se desenvolva depende de outras, de uma equipe que discuta e elabore alternativas coletivas, pois é através de discussões coletivas que podemos agregar

---

<sup>1</sup> francislene.naves@gmail.com

boas ideias. Isso me motivou a trabalhar ainda mais como equipe, não só em relação aos meus colegas, mas principalmente aos meus alunos, que se mostraram grandes parceiros na elaboração e desenvolvimento desse trabalho, o que me fez acreditar ainda mais no protagonismo juvenil. O projeto foi preparado por professora e alunos, mas apenas os alunos poderiam apresentá-lo à banca, meu papel foi prepará-los para isso, fazê-los acreditar que eram capazes.

Como professora/mentora foi preciso me colocar no lugar do outro, no caso, dos alunos, e enxergar neles jovens protagonistas (autônomos, solidários e competentes). Só assim conseguimos distribuir funções como: elaborar um roteiro para o vídeo, editá-lo, escrever o projeto, fazer a apresentação para banca, entre outros. A primeira etapa do concurso para conquistar o ambiente que queríamos era fazer um vídeo mostrando esse lugar, minha turma de 7º ano escolheu a sala de leitura, já que queriam um lugar bonito e aconchegante para ficar nesse momento tão importante, que é o da leitura.

Perceber o protagonismo dos meus alunos em cada etapa foi recompensador, ser um dos projetos selecionados nos tornou ainda mais confiantes e próximos, o projeto “Atitude Educação” será guardado para sempre em nossas memórias, pois o crescimento pessoal e acadêmico que conquistamos ao longo desse processo foi algo imensurável!

Com o projeto pude enxergar em meus alunos, cidadãos de bem, cheios de ideias e atitudes, dispostos a mudar o mundo, não só para si, mas para todos a sua volta e puderam reconhecer a relevância da leitura para a

vida e para a melhoria do processo de ensino/aprendizagem na escola. Foram muitos momentos de produção, criatividade, divulgação para toda a escola do que estavam aprendendo nas reuniões na FEAC, escolha das obras que gostariam de ter na escola, entre outros.

Como disse Herman Hesse: “Ler um livro é, para o bom leitor, conhecer a pessoa e o modo de pensar de alguém que lhe é estranho. É procurar compreendê-lo e, sempre que possível, fazer dele um amigo”, algo que nós, “Leitores em ação” do projeto Atitude Educação, jamais esqueceremos!

## Mala Literária

Camila Oliveira<sup>1</sup>

Já atuo na Educação há alguns anos e já vivi algumas práticas de leitura muito interessantes mas uma delas me veio à memória.

Trabalhava em uma creche/ong onde tinha em minha turma 30 crianças de 4 a 6 anos aGRUPADAs, por serem faixas etárias diferentes precisava planejar todos os dias histórias que os envolvessem. Por estar em uma periferia, a maioria das crianças não tinha acesso à leitura, somente na escola, então montei com eles a sacolinha viajante.

Inicialmente, fui proibida pela escola de emprestar o acervo que tinha na biblioteca com a fala de: “os livros não vão voltar e por isso não pode usar os que tinham lá”. Bom, como tenho alguns contatos pedi doação de livros para minhas colegas de outras escolas e comprei também vários e fiz a minha própria biblioteca de sala.

Montei sacolinhas de TNT e toda sexta-feira colocava todo o acervo da nossa caixa para que as crianças escolhessem o livro que quisessem levar para a casa, junto com o livro mandava uma folha de sulfite para que eles desenhassem o que mais tinham gostado do livro.

Informei as famílias sobre o projeto e nunca deixei de receber o livro que havia sido emprestado, nunca nenhum livro sumiu, pelo contrário, as famílias registraram esses

---

<sup>1</sup> camilaoliveira@prof.educacao.sp.gov.br

momentos com fotos e mandavam junto com o livro. Foi tão gratificante que muitos me agradeceram por proporcionar para eles um momento de leitura em família. Acabei ficando somente 6 meses na escola e quando saí fiz questão de deixar lá a biblioteca da sala com a esperança que o projeto fosse continuado.

As salas que apresentaram maior diferença de saberes em relação à competência leitora foram os sextos anos. Nesse período, os alunos ainda apresentam várias dificuldades e outros já conseguem ler de forma fluente. Quando temos uma turma tão heterogênea, o desenvolvimento das atividades deve ser realizado visando a participação de todos, indiferente do nível de desenvolvimento leitor em que eles se encontrem. Dessa forma, eu costumava trabalhar com essa turma em uma sequência de atividades interligadas (sequência didática), onde primeiramente eu realizava a leitura em voz alta do texto a ser trabalhado e os alunos podiam fazer comentários sobre a leitura. Se o texto possuísse imagens, eu também as mostrava para que eles pudessem ver. Em duplas colaborativas, pedia que eles encontrassem no texto aquelas palavras que oferecessem alguma dificuldade de entendimento e, em círculo, íamos desvendando o significado dessas palavras e sua função no texto lido. Ainda no mesmo círculo, solicitava que os alunos recontassem a história (nos sextos anos são narrativas) com suas próprias palavras e o mais interessante é que nesse processo, aqueles que tinham maior dificuldade também participavam ativamente. Posteriormente, iniciamos o processo de escrita por meio de outras atividades.

---

<sup>1</sup> hellenmoretti@prof.educacao.sp.gov.br

Como hoje trabalho na Diretoria de Ensino, o que tenho realizado são formações para professores e o incentivo à leitura tem sido uma peça chave nessas formações.

No ano de 2017, na Educação Infantil, recordo-me de um momento encantador com o maravilhoso mundo da leitura junto à turma. Na própria sala de aula, criamos uma tenda com TNT coloridos, tapete infantil e muitas almofadas para que as crianças se sentissem atraídos pelo momento, momento de adquirir a relíquia da fluência leitora, pois mesmo em tenra idade sabemos que a visão de leitura dos pequenos é nada mais e nada menos do que muito fascinante.

Foi maravilhoso contemplar o desejo pela leitura e o brilho nos olhos de cada criança ao descobrirem que possuíam capacidade de interpretar, recontar, remodelar e criar suas próprias falas, leituras, guiadas por suas emoções.

O mundo encantado da leitura, vetor importantíssimo para a contribuição da alfabetização, fluência leitora e, além de tudo, o prazer de analisarem cada retorno referente aos livros contemplados, seja por meio de novos desenhos ou ainda por meio de escrita: para cada um deles existe um fundamento de acordo com o contexto da leitura.

---

<sup>1</sup> ketlyngislaïne@gmail.com

Estou trabalhando o projeto Contos e Encantos do livro Ler e Escrever, onde na etapa 3 conhecemos o conto de Ali Babá e os quarenta ladrões. Primeiro fiz a leitura colaborativa do conto e conversamos sobre os personagens. Eu os questionei:

- E o que acharam?

Muitos responderam:

- Bom.

Questionei:

- Bom como?

E ainda assim não me responderam. Então propus uma leitura coletiva, onde cada aluno leria em voz alta um parágrafo do texto. Pedi que enquanto o colega lesse em voz alta iríamos acompanhar com olhos, para não nos perdermos. Fui escolhendo quem leria e fazendo as intervenções quando necessário. Consegui incluir inclusive quem tinha dificuldades, para esses pedi que lesem uma palavra, uma frase deixando-os à vontade e depois do término da sua leitura fazendo as intervenções.

Quando acabamos, questionei:

- E agora o que acharam do conto? E o que entenderam?

---

<sup>1</sup> leandroalberghieira@gmail.com

Ainda alguns me disseram ser bom, e não me souberam explicar. Simplesmente era bom.

Que o irmão não era bom e era olho grande e que Ali Babá não devia confiar nele. Outros disseram que roubar era errado, tivemos comentários positivos e negativos. Alguns disseram-me que o Ali Babá era corajoso, alguns que era maluco, pois poderia ter morrido.

Em outro momento perguntaram-me o que era ambicioso, então fomos buscar a resposta no dicionário dessa e de outras palavras que tinham dúvidas. Depois eles iam fazendo a leitura do significado e eu, como mediador, ia escrevendo na lousa,

Por fim consegui que todos, de alguma maneira, conseguissem participar da leitura, das demais atividades que aconteceram e instigar a curiosidade desses alunos. A interação com meus alunos é muito importante e são alunos muito participativos, procuro explorar isso ao máximo, claro, sempre fazendo intervenções para não fugirem da proposta inicial apresentada.

## Escrever como forma de viver

Lucimara Ap. Pierin Alves<sup>1</sup>

Desde muito cedo escrevo (talvez, da mesma maneira que falo)!

Nascida e criada na capital de São Paulo, escrevia cartas para familiares do interior, escrevia nos cadernos de enquete (moda nos anos 80), escrevia na carteira da escola (que vergonha registrar isso), mas me rendeu boas amizades...

Hoje, posso dizer com propriedade que o fato de escrever é reflexo de ler muito! [Antigamente não tinha essa visão]. Eu li, a pedido das professoras de Língua Portuguesa, durante todo meu Ensino Fundamental, quase todos os livros da coleção Vagalume. Há quem reclame desses livros e das histórias, mas eu não! Encantavam-me as aventuras, os desafios, os mistérios.

Em tempos onde não existiam nem computadores e nem celulares, escrevia cartas aos amigos e parentes do interior. Tentava usar palavras que os livros traziam, nas minhas leituras. Ia enriquecendo meu repertório, meu universo de palavras, expressões e assim, construindo textos cada vez mais elaborados!

Gosto, até hoje, de escrever! Além de escrever muito, reviso escritas de colegas de trabalho! É uma tarefa boa,

---

<sup>1</sup> lucimaraperim@professor.educacao.sp.gov.br

nada morosa, que faço com satisfação, por saber o quanto eles confiam nos ajustes que sugiro.

Quando fiz a leitura solicitada "Escrita, uso da escrita e avaliação" de João Wanderley Geraldi (2006, p. 127-131), linguagem, texto e redação formam um emaranhado de atos dos quais aprendemos, nos apropriamos, amamos ou detestamos. Eu amo! Amo de verdade ao expressar, através da escrita, tudo que a PESSOA decide escrever! Não me lembro de ter passado pela função-aluno que escreve para a função-professor. Sempre escrevi com gosto!

Ao solicitar produções escritas aos meus antigos alunos, também não me lembro de ter agido como leitora para indicar uma nota. Aliás, nota é o professor quem atribui ou o estudante que a conquista? Penso nisso e não chego à conclusão alguma...

Destaco aqui, um trecho retirado do texto de estudo, que fez com que eu refletisse ainda mais sobre a tarefa de ensinar, trilhando esse caminho da nossa profissão: "...o compromisso político da aula de Língua Portuguesa é oportunizar o domínio também desta variedade padrão, como uma das formas de acesso a bens que, sendo de todos, são de uso de alguns" – trecho citado diante da escrita de dois textos de crianças do 2º ano, considerados, um como redação e outro, como texto!

## Memórias

Mayara de Oliveira<sup>1</sup>

Lembro-me de trabalhar com a minha primeira turma do 5º ano o Projeto do Livro Ler e Escrever: Contos de Assombração.

Envolver os alunos com a leitura diária, feita por partes, de histórias que precisavam ser desvendadas dia a dia, foi uma experiência nova para mim. Ver a turma chegar animada pra aula, sabendo que no início saberiam a continuação da história, ver aquelas crianças/pré-adolescentes empolgados com um livro... me inspirava e me emocionava.

Naquele ano eles se apaixonaram pela leitura desse gênero e eu também rsrs. Mesmo os alunos com dificuldade na leitura gostavam de ler e desvendar os mistérios envolvidos nas histórias.

Ao final do Projeto, cada grupo fez uma maquete do cenário principal da sua história e para isso tiveram que prestar atenção em detalhes que me surpreenderam.

---

<sup>1</sup> may.oliveiraaa@gmail.com

## **Viagem para a infância**

### **Livros: história e nostalgia**

Renata Aparecida de Oliveira<sup>1</sup>

É interessante voltar para as próprias lembranças. Desde muito pequena os livros fazem parte da minha vida. Filha de uma magnífica e saudosa professora, sempre rodeada de muitos livros, gibis, cartilhas e revistas. Quem viveu os bons tempos para sentir o cheiro de álcool do mimeógrafo, recortes de jornais e revistas, caça-palavras, doces lembranças...

Quantos contos clássicos me fizeram viajar, sonhar com o príncipe encantado, ser uma heroína ou uma princesa.

Na correria diária, muitas vezes esquecemos de alimentar a nossa imaginação, renovar sonhos e aguçar conhecimentos.

Na adolescência, quantas obras literárias importantes foram lidas: Vidas Secas de Graciliano Ramos, quem não chorou com o triste fim da cachorrinha Baleia? Dom Casmurro de Machado de Assis, Dom Quixote de Miguel de Cervantes e tantos outros.

Hoje, aos 46 anos, esposa, mãe, tia, amiga, profissional da educação, tenho como missão incentivar esse hábito

---

<sup>1</sup> renatadeoliveiramat@gmail.com

tão maravilhoso que é a leitura. Como foi bom reviver essas memórias afetivas de leitura.

## Leituras

Rosa Furlan<sup>1</sup>

Desde que comecei a lecionar, já trabalhei a leitura em sala de aula de várias formas, considerando a diversidade e o desenvolvimento de cada aluno. Em determinado ano, em que lecionava em uma escola da periferia da cidade de Campinas, levava uma caixa com livros de diversos gêneros para a sala de aula, da qual os alunos podiam escolher qual iriam ler. Após a escolha, saíamos da sala e íamos aos espaços abertos da Unidade Escolar, como por exemplo: pátio, gramado, entre outros.

Lembro-me que nesse ano em especial, havia alunos com muitas dificuldades de leitura e escrita. Nesses casos iniciei o trabalho de introdução à leitura com charges, gibis e livros de contos curtos. Ao final do ano me senti realizada, pois vários dos alunos que no início tinham dificuldades, estavam lendo e até participavam de leituras compartilhadas, o que não ocorria no início daquele ano letivo.

Em um outro ano, em outra Unidade Escolar, também levava a caixa de livros, e durante as aulas de leitura que, à época eram duas por semana, deixava os alunos à vontade, pois ler deve ser um momento de prazer e não de obrigação. Nessa ocasião havia alunos que até se deitavam no chão da sala para ler e depois faziam relatos

---

<sup>1</sup> furlan42rosa@gmail.com

sobre a leitura. Foi um ano muito produtivo, pois, nesse mesmo ano e na mesma escola, lecionava para o Ensino Médio, onde também havia alunos com dificuldades, então em um dos bimestres propus a seguinte atividade: a sala seria dividida em vários grupos, cada grupo deveria ler um clássico de autores que caem em vestibular. Nessa etapa os livros foram sorteados e qual não foi a minha surpresa quando, ao final do bimestre, eles apresentaram os trabalhos, com cartazes, discursos, resumos, explicações, foi muito gratificante.

Atualmente na escola onde leciono, trabalho projetos de leitura. No ano de 2022, durante o primeiro semestre, foi trabalhado o livro “O Pequeno Príncipe” e ao final do semestre foi realizada a culminância com exposição de cartazes. Já no segundo semestre o livro “Malala”, no qual a culminância foi uma gincana, onde o aluno de uma sala disputava com a outra em um jogo de perguntas e respostas e, ao final, uma sala sairia vencedora. No ano de 2023, está sendo trabalhado o livro “A flauta mágica”, nesse primeiro semestre. Ao final será realizada uma gincana semelhante a do ano anterior. Com esse projeto vejo alunos mesmo com dificuldades de leitura procurando acompanhar o que está sendo lido por mim ou pelos colegas de turma e querendo participar das atividades propostas.

## Leitura que transforma

Tânia Cavalcante<sup>1</sup>

Em 2016, quando ingressei como professora, lecionei para uma turma de 2º ano. Nessa turma havia uma aluna Emanuele que era deficiente intelectual. Durante as aulas, apresentava comportamentos agressivos, rabiscava os cadernos dos colegas... entre outras atitudes.

Aquilo me deixava triste e ao mesmo tempo me sentia incapaz, porque eu não era experiente, e algumas vezes ficava sem saber o que fazer.

Meus alunos sempre me perguntavam por que ela agia daquela forma. Sinceramente eu não sabia o que responder a eles.

Não contente com a situação, comecei a ficar atenta em que situações ela apresentava esses comportamentos. Foi aí que percebi que era quando um aluno ia realizar a leitura para a turma e para todos ou quando iam realizar alguma atividade na lousa.

Essa aluna apresentava dificuldades na fala e por esse motivo não chamava ela para realizar a leitura, mas diante da minha observação percebi que ela queria participar.

Quando ela faltou na aula aproveitei para conversar com a turma sobre a situação e expliquei que pelo menos

---

<sup>1</sup> [taniamattacavalcante@gmail.com](mailto:taniamattacavalcante@gmail.com)

2 vezes na semana eu ia escolher a Emanuele para realizar a leitura para eles. Expliquei que era uma atividade de inclusão, que era necessário ela participar e que aquela atitude era importante para ela, mesmo que eles não entendessem muitas palavras.

No dia seguinte a essa conversa com os alunos, na hora da leitura, a primeira pessoa que eu chamei foi a Emanuele, no mesmo instante ela abriu um enorme sorriso.

Então ela foi até a caixa de livros que estava na sala, escolheu um livro e começou a ler, do jeitinho dela.

Assim que ela terminou todos da sala começaram a aplaudir. Aquela atitude me emocionou muito, porque eu não tinha combinado isso com os meus alunos. Foi algo inesperado e emocionante.

A partir daquele dia, sempre que um estudante ia ler, em seguida eu a chamava também. Ela começou a se interessar cada dia mais pelos livros e sempre escolhia um para eu ler, ou escolhia algum aluno para ler com ela ou para ela.

Os estudantes também passaram a ajudá-la em outras atividades, porque ela também apresentava dificuldade motora. Ela mudou o seu comportamento em sala de aula. Não apresentou os mesmos comportamentos.

Todos os dias ela lia para a turma, algumas vezes fazíamos a roda da leitura. A leitura virou algo constante na nossa sala de aula. Isso foi transformador para ela, para os colegas de classe e principalmente para mim. Foi uma experiência inesquecível.

## Leitura: um rico tesouro escondido entre páginas

Tânia Cristina Mafra Custódio<sup>1</sup>

A leitura em sala de aula é muito importante para os alunos. Sempre menciono a parte de dedicatória, onde eles veem o carinho de um livro, seja para o filho, pai, mãe, amigo, entre outros. Quando inicio um livro e menciono o nome do livro e o autor, em alguns casos o nome do autor não dá para saber se é um homem ou uma mulher. A curiosidade dos alunos já começa nesse instante. Nesse momento aproveito para falar sobre o autor, que muitas vezes traz sua vida dentro do livro.

Os alunos todos os dias me fazem a pergunta:

- Professora, hoje vamos ler qual livro?

Essa semana, além do livro, li para eles o nosso Hino Nacional Brasileiro, onde mencionei todas as riquezas nele contido. Eles amaram e viajaram nas palavras e no significado de nosso país que é tão rico de belezas. Conte para eles que eu aprendi a cantar o Hino na minha infância e nunca mais esqueci, pois minha professora explicou todo o significado das palavras e do orgulho de termos um país tão rico de belezas naturais.

---

<sup>1</sup> tmafra@prof.educacao.sp.gov.br

## Qual será o próximo?

Professora Fabiana Carvalho<sup>1</sup>

Certa vez, em meados do ano letivo passado recomendei para minha turma do 5º ano vários livros de leitura. Poucos eram os alunos que tinham essa prática, pegavam o livro, levavam para casa, mas muitas vezes devolviam sem ler. Decidi então escolher um livro que tivessem interesse no assunto, que não fosse cansativo e que pudéssemos fazer juntos uma leitura compartilhada, então, escolhi o livro Detetives do Prédio Azul, em capítulos.

Quando cheguei na sala com o livro e falei o objetivo, os alunos tiveram reações adversas, acharam muito grosso, muito chato, muito difícil... senti muita resistência.

Aos poucos fomos fazendo a leitura compartilhada. No início alguns recusavam-se a ler, tinham vergonha... e então eu negociava:

- Só um parágrafo...

Aquela leitura demorava um pouco, ficávamos em torno de duas aulas inteiras para ela acontecer, precisava insistir com alguns, outros liam muito baixo, mas aos poucos foram sendo conquistados e depois de quatro

---

<sup>1</sup> fabidecarvalholima@gmail.com

semanas, ninguém mais reclamava da leitura e todos já aguardavam pela chegada do dia da leitura.

Terminamos o livro em seis semanas, fizemos uma comemoração. Para a maioria, era a primeira vez que lia um livro inteiro e para minha surpresa a pergunta dos alunos era:

- Qual será o próximo livro, professora?

## O trabalho com a leitura

Professora Gisele Regina Galinaro<sup>1</sup>

Depois de quase dois anos desenvolvendo as aulas com o uso da tecnologia e o retorno presencial não obrigatório dos estudantes me indaguei como seria reiniciar o trabalho com a leitura numa turma de quinto ano.

Assumi as aulas em 2022 no componente curricular de Orientação de Estudos numa escola que aderiu ao Programa de Ensino Integral e conforme ia passando os dias eu percebia uma certa dificuldade para que todos os estudantes participassem ativamente das aulas, com interações que eram necessárias durante o encaminhamento das atividades em sala de aula.

Aos poucos, fui revalidando a importância do retorno às aulas, do comprometimento e dedicação necessários para o desenvolvimento da aprendizagem de cada um.

Iniciei o trabalho com a leitura de livros literários, preparei no canto da sala de aula uma mesa, disponibilizei alguns exemplares e apresentei como seria o trabalho. Cada estudante escolheu um livro para realizar a leitura e, após, faríamos a socialização com apresentação da obra, autor, editora e alguns acontecimentos / fragmentos do texto.

---

<sup>1</sup> giselebarboza@professor.educacao.sp.gov.br

Durante as aulas eu percebia uma certa resistência dos estudantes para a leitura, pareciam fazer por obrigação, faltava um envolvimento maior com a leitura e o texto.

Mas continuei, semanalmente possibilitando esse contato com livros, em outros momentos disponibilizando os livros às sextas-feiras para a leitura em casa e socialização na segunda-feira. E as coisas foram caminhando... Em outros momentos, em sala de aula, solicitei o registro da leitura, muita resistência, mas insisti. Sempre retomando a importância da leitura e a sua contribuição no processo ensino e aprendizagem.

Em um certo dia, cheguei na sala e apresentei a proposta da indicação literária para os estudantes. Cada um, na sua vez, escolheu um livro e fui distribuindo sulfites coloridos para o registro das informações do livro, opinião sobre a leitura e indicação literária.

Me surpreendi, houve tanto envolvimento e percebi que a leitura começou a ter significado para os estudantes. Havia interesse, muita participação, registros maravilhosos que, ao final da aula, sempre se transformava em um mural literário da turma do 5º ano C.

"Tecendo Trilhas: Leitura, Escrita e o Direito à Educação" entrelaça reflexões e experiências de professores e profissionais da educação, que compartilham suas histórias e perspectivas sobre a importância da leitura e da escrita na garantia do direito à educação. Ao reunir narrativas e textos sobre o tema, a obra convida o leitor a conhecer diferentes realidades educacionais, inspirando a busca por um aprendizado constante, na perspectiva de que também aprendemos com a própria experiência profissional, em busca da construção de uma educação mais justa e transformadora.

